

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VENÂNCIO FREITAS DE QUEIROZ NETO

**O artesão, o artesanato e a educação ao longo da vida: um
olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN)**

NATAL

2011

VENÂNCIO FREITAS DE QUEIROZ NETO

O artesão, o artesanato e a educação ao longo da vida: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Domingos Sobrinho.

NATAL

2011

VENÂNCIO FREITAS DE QUEIROZ NETO

O artesanato, o artesanato e a educação ao longo da vida: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Moisés Domingos Sobrinho
Prof. Orientador

Prof. Dr. André Augusto Diniz Lira
Membro externo – UFCG

Profa. Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque
Membro externo suplente – UECE

Prof. Dr. João Maria Andrade Valença
Membro interno – UFRN

DEDICATÓRIA

Dedico este texto aos meus pais, Pedro Freitas de Queiroz (*in memoriam*) e Teresinha Cavalcante da Rocha, pessoas que, mesmo diante de limitações impostas pela vida, me proporcionaram uma boa educação e incentivaram meu desenvolvimento intelectual.

A você Vívian, minha filha amada, pela forma maravilhosa com que me transforma a cada abraço, beijo e declarações de amor que me faz. Com você minha vida ficou mais forte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me incentivaram e se envolveram em etapas dessa trajetória.

Ao meu orientador, o professor Moisés, que me acolheu e direcionou meus estudos, o considero um verdadeiro tutor no meu desenvolvimento intelectual. Agradeço pelos alertas da importância de objetivar e pela paciência que teve comigo ao longo do tempo que compartilhamos.

À Lorena que contribuiu nas discussões que antecederam a escolha do tema da pesquisa, em seu nome agradeço também aos amigos consultores pelas palavras de incentivo.

A Professora Tereza Aranha e a equipe do Núcleo Temática das Secas, pela gentileza em disponibilizar seu importante acervo

A Suzana pelas broncas, conselhos e apoios diversos nessa trajetória. Sua amizade e amor fraterno são inseparáveis de mim, e muito me honram.

À Rouseane, pelas críticas duras, pelo apoio sincero, ela me indicou caminhos e me deu forças e inspiração quando já nem acreditava que as tinha. Seu carinho e amor são um privilégio.

Ao amigo Bertulino pelos estímulos pra que eu apostasse nesse investimento, pelos papos recheados de uma boa comida mineira e uma cerveja gelada.

Ao irmão Paulo Naufel (in memoriam) pelos aconselhamentos intelectuais e espirituais.

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a prática artesanal, a influência da mesma na formação da identidade social do artesão/artesã e sua relação com a educação ao longo da vida. Trata-se de uma investigação de caráter descritivo desenvolvida junto às artesãs do assentamento rural Palheiros III, em Upanema–RN, no qual foram adotadas como estratégias metodológicas a entrevista semi-estruturada, realizada individualmente e em grupo, e a observação direta participante. A análise dos conteúdos discursivos foi realizada através do método de análise categorial de conteúdo (BARDIN, 1997; BAUER, 2002) e os demais dados foram sistematizados e analisados com base nos apoios teóricos (MORIN; BOURDIEU; KAMPER; SENETT, dentre os principais). Constatou-se que ser artesã na realidade pesquisada é falar de um lugar distinto ocupado pela mulher; que, ao contrário da imagem do artesão/artesã, tão difundida principalmente pela mídia ligada ao turismo, como símbolo de defesa da tradição e do artesanato como arte, a população artesã de Palheiros encara sua atividade como um meio de sobrevivência; que essa atividade é também uma forma de ter acesso aos saberes formais e continuar se educando ao longo da vida.

Palavras-chave: Educação. Artesanato. Artesã. Identidade.

RÉSUMÉ

L'objectif principal de cette étude était d'analyser la pratique artisanale, son influence dans le façonnement de l'identité sociale de l'artisan et sa relation à l'éducation durant toute la vie. Il s'agit d'une recherche descriptive menée à l'art de la colonisation rurale Palheiros III em Upanema-RN, qui ont été adoptés comme des stratégies méthodologiques pour entretien semi-structuré, effectué individuellement et em groupe, l'observation directe et participante. L'analyse du contenu discursif a été réalisée em utilisant la méthode d'analyse de contenu catégorielle (BARDIN, 1997; BAUER, 2020) et d'autres données ont été organisées et analysées em fonction de support théorique (MORIN, BOURDIEU, KAMPER, SENETT, parmi lês principaux). Il a été trouvé à être étudié artisanal fait parler est un endroit différent occupés par des femmes, que, contrairement à l'image du artisan, si répandue dans lês médias principalement liée au tourisme, comme um symbole de défense de la tradition et l'art la population artisanale de Palheiros conçoit son travail comme um moyen de survie, que cette activité est aussi une façon d'avoir accès à la connaissance formelle et de continuer à s'instruire tout au long de leur vie.

Mots-clés: l'éducation. Artisanat. Artisan. Identité.

LISTA DE SIGLAS

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.....	46
CPT – Comissão da Pastoral da Terra.....	46
MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.....	21
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.....	90
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.....	20
WCC – World Crafts Council	17
MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	
MA – Ministério da Agricultura.....	17
ETENE – Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste.....	37

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Carnaubal em Triunfo Potiguar	29
Foto 2: Carnaúba após a poda para retirada do “olho”.....	32
Foto 3: Carnaubal em extinção em Serrinha dos Pintos.....	33
Foto 4: Carnaubal em Pedra Grande.....	34
Foto 5: Pó de carnaúba armazenado.....	35
Foto 6: Casa de artesã no assentamento Palheiros III.....	36
Foto 7: A fruta da carnaúba (esq.)	37
Foto 8: A fruta da carnaúba (esq.) e em detalhe (dir.).....	37
Foto 9: Vários tipos de beneficiamento da cera.....	38
Foto 10: Mulheres preparando tranças para a confecção da esteira.....	39
Foto 11: artesã durante entrelaçado da esteira.....	41
Foto 12: Folhas do olho da carnaúba secando ao sol.....	42
Foto 13: A esteira acoplada à tubulação após processo de impermeabilização.....	43
Foto 14: Artesãs reunidas para roda de conversa durante a pesquisa.....	47
Foto 15: Esteira em destaque.....	52
Foto 16: Em destaque a separação dos fios de palha para início do trabalho de entrelaçar a palha.....	58
Foto 17: No detalhe artesãs do Palheiros III ensinando como se inicia a construção de uma esteira.....	59
Fotos 18 a 29: Etapas do extrativismo da carnaúba.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação da tipologia do artesanato e usos	14
Quadro 2 - Classificação do artesanato em função da matéria-prima utilizada.....	16
Quadro 3 - Quadro do perfil do grupo de artesãs.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - ARTESANATO: ORIGENS, DEFINIÇÕES, FUNÇÕES	16
1.1. ORIGENS DO ARTESANATO	18
1.2. ASPECTOS ECONÔMICOS E INSTITUCIONAIS.....	20
CAPÍTULO II - A CARNAÚBA: MATÉRIA-PRIMA PARA O ARTESANATO	30
CAPITULO III – O ARTESÃO E O ARTESANATO DA CARNAÚBA	45
3.1 A CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS ARTESÃS.....	46
3.2 FUNÇÕES E SENTIDOS DO ARTESANATO NO PALHEIROS III.....	51
3.2.1 Artesanato e condição feminina.....	56
3.2.2 O <i>ethos</i> para o trabalho.....	62
3.3 A NECESSIDADE DO TRABALHO E O TRABALHO COMO ALGO NECESSÁRIO PARA A ORDEM SOCIAL	65
3.4 O TRABALHO E O ARTESANATO.....	70
CAPÍTULO IV - DIMENSÕES EDUCATIVAS DA PRÁTICA DO ARTESANATO.....	76
4.1 O ARTESANATO: ALÉM DA ARTE E DO ARTISTA.....	77
4.2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O ARTESANATO.....	85
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	97
ANEXOS.....	100

INTRODUÇÃO

A pesquisa que gerou essa dissertação de Mestrado nasceu de uma necessidade em conhecer e compreender os processos de educação tradicional e a construção do ser artesã, sobretudo, da mulher inserida na atividade de produção artesanal com a palha da palmeira conhecida com carnaúba ou carnaubeira. Fizemos a escolha do Assentamento Palheiros III, em Upanema-RN, por ser nessa localidade onde vive um grande número de famílias artesãs, estando na terceira geração de pessoas que desenvolvem esse tipo de trabalho.

O trabalho com o artesanato feito da árvore da providência tornou-se tema de investigação para mim, por ter em minha trajetória profissional, participado de um trabalho, no interior do estado do Tocantins, fomentando o associativismo entre artesãs que utilizam como matéria-prima o capim dourado. Naquele grupo me encantai com a habilidade humana em transformar a matéria natural num artefato, além de ser uma atividade predominantemente feminina que visa a geração de renda.

Ainda graças a minha trajetória profissional, dessa vez na cidade de Açu/RN, tive a oportunidade de conhecer um grupo de artesãs que trabalham com a palha da carnaúba. Um trabalho feminino que há décadas é transmitido por gerações, que atravessou um momento de pouca demanda, e atualmente, retomou suas atividades graças à demanda gerada pela Petrobrás. Travei conhecimento com as artesãs e passei a tecer, juntamente, com as mesmas, a escrita dessa dissertação.

Acreditamos que em todas as fases da pesquisa, do levantamento bibliográficos a aplicação dos instrumentos de entrevistas, e mesmo os momentos de orientação da pesquisa, como fases de um processo de auto-aprendizado daquele que busca revelar aspectos da realidade estudada. Assim, o contato com cada artesã com que dialogamos durante o tempo de envolvimento com a pesquisa foi fundamental para o nosso aprendizado pessoal, já que tivemos que *aprender a conviver, e aprender a aprender* com a prática de investigação, dessa forma buscamos também compreender a condição social do grupo de artesãs objeto da pesquisa. Admitimos nesse percurso as limitações de nossa maneira de pensar e às vezes até a falta de fundamento do conhecer. Não poderia ser de diferente já que reconhecemos que no exercício, na tentativa de aproximação com a realidade é

estratégica a incorporação do erro; tentamos assim não enxergar aquilo que nossa própria construção individual estava programada para visualizar, mas sim, aspectos concretos do objeto a nossa frente.

A esse respeito, Morin (2004) em seu livro *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*, enfatiza sobre a importância de trazer a possibilidade do erro em todo processo de pesquisa científica e na própria educação: *o maior erro seria subestimar o problema do erro*. Pensando dentro dessa perspectiva, a ideia – que é um responsável por traduzir a realidade do nosso mundo exterior; e fazer nossa interface com ele – *é também o que nos induz a equívocos sobre esse mesmo mundo*.

Foram interações diversas que nos permitiram compreender alguns aspectos da dinâmica social do assentamento, bem como a dinâmica produtiva das artesãs. Assim, podemos afirmar que a condição de pesquisador nos permite uma existência com possibilidades de aprendizados frente a diversas circunstâncias que ora nos apontam alternativas, ora nos exige o enfrentamento.

Por último, dentre as motivações que apresento para a realização dessa investigação, são os laços familiares maternos que têm estreita relação com o uso da carnaúba enquanto árvore da providência. Meu avô materno usava, em escambo, os produtos do trabalho com a palha para trocar por produtos que careciam, nas décadas de 40 e 50, no sertão do alto oeste potiguar.

Dessa forma, o trabalho com a palha da carnaúba consiste num saber, numa estratégia, de resistência frente às adversidades encontradas no semi-árido nordestino, nosso campo de estudo. Interessei-me, como pesquisador, em mostrar a riqueza desses saberes transmitidos frente ao saber formal. Saber esse que conduz as pessoas ao descobrimento de formas alternativas de ensino, mas também de produção do conhecimento, que são responsáveis não apenas pela elaboração de uma cultura, mas que são decisivos para a própria sobrevivência. É preciso saber fazer para sobreviver.

O texto está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo intitulado artesanato: Origens, definições, funções, apresentamos um panorama geral da literatura que aborda a produção artesanal do País. Para tanto, fundamentamo-nos em pesquisas sobre o extrativismo da carnaúba, bem como em dissertações acerca da temática, além de pesquisas históricas sobre a região do vale do Assu/RN, em particular a obra “Ensaio sobre a carnaubeira”, sistematizada pela EMPARN.

No segundo capítulo abordamos aspectos ligados à exploração da carnaúba, a matéria-prima do artesanato objeto de nossa pesquisa.

Em seguida, discorreremos sobre as artesãs, seus perfis, características e a sua relação com o artesanato. Ainda no terceiro capítulo abordamos sobre o trabalho como organizador e princípio educativo numa lógica de reprodução das práticas sociais. Dentro dessa perspectiva abordamos o trabalho feminino e suas motivações, a reprodução do modelo artesanal nesse grupo e o papel complexo dessa atividade na vida das famílias e na construção do lugar da mulher na comunidade. Dialogamos sobre mecanismos de reprodução social, poder e identidade social, principalmente com Bourdieu (1997; 2002; 2007; 2009; 2010). Também nesse capítulo discutimos sobre as várias dimensões do trabalho com Arendt (2009), Kamper (1996) e Senett (2009), entre outros.

No quarto capítulo discorreremos sobre as dimensões culturais e educativas da prática do artesanato de carnaúba e a educação ao longo da vida presente no grupo de artesãs pesquisado. Abordamos as implicações da educação ao longo da vida com o artesanato e seu papel de formador do ser artesão. Vimos também o sentido que têm a escola e a própria educação para o grupo, a maneira como se organizam e como são aprendidos os papéis.

Para a construção das primeiras informações de uso na pesquisa e sua análise, fizemos levantamento bibliográfico regional e nacional acerca da literatura que trata da carnaúba, sobretudo no acervo do Núcleo Temático da Seca da UFRN; concomitantemente realizamos processo semelhante na literatura nacional e internacional sobre o artesanato enquanto expressão econômica e cultural; dialogamos com os seguintes autores, a saber: Russi (2004), Ferreira Gullar (1994), Mário de Andrade (1938), Bertino (1942).

Para a coleta de dados adotamos a estratégia da entrevista individual, com a finalidade de perceber as trajetórias dos sujeitos e levantar alguns aspectos socioeconômicos e culturais, a partir de uma relação dialógica que orientou o processo de entrevista. Dessa forma obtivemos informações junto às artesãs, graças a uma relação de confiança construída junto ao grupo.

Para tal propósito, elencamos as seguintes questões norteadoras: (1) Qual a aprendizagem adquirida com o artesanato? (2) Qual a importância atribuída à

educação formal? (3) Como acontece o processo educativo através da atividade artesanal? O universo pesquisado se constituiu de 20 artesãs da associação “Seguindo em Frente”.

Num segundo momento, foram escolhidas 11 artesãs para uma entrevista semi-estruturada, em grupo, através de rodas de conversa. Além dessas técnicas de coleta de dados foram realizadas observações no campo de pesquisa, para levantamento de impressões do cotidiano das artesãs, a rotina familiar e a dinâmica de trabalho com o artesanato.

Um alerta de Bourdieu foi de extrema utilidade nas trilhas do nosso aprendizado, o lugar ocupado pesquisador sociólogo, que tem um ponto de vista, mas que não é isento de outros pontos de vista. Além disso, me mostrou a importância de procurar compreender minhas próprias construções representacionais a respeito daquele objeto e admitir a que a qualidade da minha intrusão poderia interferir nos resultados da pesquisa.

Para a análise e interpretação discursiva das entrevistas nos baseamos nas orientações metodológicas de Bauer (2002), o que implica na imersão do próprio pesquisador no corpus do texto. Nessa óptica, Ao ler as transcrições, são lembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase que revive a entrevista (...). Nessa etapa procuramos manter à nossa frente às finalidades e objetivos da pesquisa, além de buscar registrar detalhes que pudessem identificar contradições da maneira como as atitudes e opiniões se desenvolveram nas entrevistas. E, assim algumas contradições reveladas através das narrativas vieram à tona no processo de análise. Também fizemos uso da contribuição tanto de Bauer (2002) como de Bardin (1997) e Franco (2005) para construir a nossa análise de conteúdo.

Pela análise de conteúdo percebemos que o artesanato exerce função de delimitar o lugar da mulher na comunidade e a educação para ser artesã passa por um processo de aprendizagem que ultrapassa o ensino da técnica. Assim, na infância, a menina já recebe as orientações de como agir no meio social e de quais são suas atribuições no assentamento. Nesse sentido, a família exerce um papel importante na reprodução dessas práticas sociais que tem no artesanato seu articulador. A aprendizagem continua na fase adulta das artesãs, pois por meio de sua prática novos conhecimentos e habilidades ganham forma no processo de

produção artesanal, dentro de uma perspectiva de educação permanente, realidade presente em todas as culturas. A família, a comunidade, o tempo livre e o mundo do trabalho tornam-se, assim, espaços educativos (OSÓRIO, 2003).

E por fim, concluimos o artesanato compreendido enquanto um conhecimento produzido pelo grupo investigado detém mecanismos de reprodução que são fundamentais para a manutenção do arranjo social ali existente. Pela lógica instalada pela atividade artesanal no Assentamento Palheiros III, papéis sociais são definidos na comunidade, saberes são gerados e práticas sociais são reproduzidas; em especial os modos de agir do ser feminino. Além disso, nesta atividade estão presentes saberes transmitidos entre gerações, que podem ser usados em momentos de crise, em momentos de grande necessidade, ou como dizem as dezenas de pessoas com as quais dialogamos: *de grande precisão*

CAPÍTULO 1 - ARTESANATO: ORIGENS, DEFINIÇÕES, FUNÇÕES

Neste capítulo, apresentamos um panorama geral dos principais tipos de artesanatos produzido no Brasil, além de um breve histórico dele com a matéria-prima da palha da carnaúba. Fundamentamo-nos em pesquisas acerca da temática, dentre as quais, Ensaio sobre a carnaubeira, sistematizada pelo Ministério da Agricultura (MA) (BRASIL, 1942). Com intento de apresentar os principais tipos de artesanatos, características, relevância para economia e cultura, bem como as diversas matérias-primas empregadas no Brasil, adotamos como base a obra de Mascêne (2010). Esse documento, produzido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é atualmente o documento oficial utilizado por essa instituição para balizar suas ações de apoio a grupos de artesãos em todo o território nacional; e também, é reflexo das deliberações e discussões do Conselho Mundial do Artesanato (World Crafts Council – WCC). A atuação do Sebrae é, sobretudo, no tocante à organização desse segmento para a produção e comercialização.

A atividade artesanal tem exercido forte influência na vida de brasileiros que transformam matérias-primas naturais em obras destinadas às mais variadas finalidades, sejam para peças decorativas, utilitárias para o ambiente doméstico ou aplicadas ao ambiente laboral, sobre o que falaremos adiante.

Os diversos tipos de matérias-primas usados na produção artesanal são importantes na geração de trabalho e renda e mostram a riqueza natural existente no território nacional. A transformação de elementos da natureza em produção artesanal tem papel fundamental na vida de milhões de brasileiros. Segundo o IBGE (2008 apud MASCÊNE, 2008), são 8,5 milhões de artesãos no Brasil, dos quais 87% são mulheres que aprenderam a tradição com suas mães e avós.

Para as famílias envolvidas com o artesanato, na maioria dos casos, essa é uma atividade de vital importância para o aumento da renda familiar e até mesmo para sua sobrevivência. Esse tipo de ocupação está presente em todos os estados brasileiros, tendo a responsabilidade de manter vivas práticas culturais ligadas a tradições de cada estado e região.

1.1 ORIGENS DO ARTESANATO

Desde o período clássico persiste a discussão sobre o que é arte ou não, bem como sobre os tipos de produções manuais inferiores ou superiores. Uma visão que coloca a arte acima do artesanato foi construída, sobretudo, pelo pensamento ocidental europeu. Por exemplo, Bazin (1989) afirma que, na Antiguidade Clássica, havia o desprezo pelo homem que trabalhasse com as mãos. Rugiu (1998) mostra a hierarquia criada para distinguir as duas categorias, afirmando que, desde a Idade Média, a palavra arte, em língua vulgar, referia-se às atividades de produção manual. Naquela época, as artes eram classificadas em duas categorias: as liberais e as mecânicas ou servis. As artes liberais referiam-se às atividades do homem livre, que tinha o livro (*líber* – livro, livre) como seu principal instrumento. As artes mecânicas, por sua vez, indicavam as atividades manuais e incluíam as belas-artes, razão pela qual adquiriram alguma importância. Já as atividades ligadas às palavras eram reservadas apenas aos poucos doutos.

A palavra arte foi assumindo aos poucos um significado distinto de artesanato, embora, até o século XIV o intelectual não fosse compreendido como alguém diferente do artesão. É a partir do século XV, ainda de acordo com Rugiu (1998), que as artes liberais afastaram-se das artes mecânicas, assumindo uma posição superior a estas. Nesse período, as belas-artes entraram em descrédito, até então eram consideradas mecânicas e por isso tinha relevância social. Foi durante a Renascença que os artistas, pintores, escultores e outros reivindicaram uma elevação de categoria, por acreditarem ser a atividade do artesão/artista uma arte superior que partia do desenho antes de iniciar o processo artesanal, exigindo, assim, uma operação mental de caráter mais abstrato. Gullar (1994), ao discorrer acerca dessa temática, lembra que, apesar da visão do artesanato como uma atividade inferior, a sua efetiva dicotomia com a arte só ocorreu na Idade Moderna, com o Renascimento. Exatamente na divisão de trabalho estabelecida entre artistas e artesãos na construção de igrejas medievais foi que começou a ser dado destaque ao artista individual. Quando deixou o canteiro de obras e passou a ter o ateliê próprio, criando para um futuro comprador, esse sujeito passou a construir para si um novo status e diferenciou-se do artesão.

Uma visão preconceituosa da palavra artesanato permanece até hoje, uma vez que os objetos artesanais são vistos como inferiores aos dos artistas, por não exigirem destreza e, hipoteticamente, não requererem instrução complexa.

Essa cisão entre o prático e o intelectual é criticada por Almeida (2006) ao dizer que o saber da tradição é discriminado pelo rótulo de não científico, recebendo, com a rubrica de popular, toda uma carga de inferioridade. Ressalta a autora, ainda, que esse saber tem se tornado meramente instrumento de análise da ciência.

Essa tendência de separar a arte e o artesanato como duas formas distintas e com diferenciações hierárquicas entre si acaba por deixar de fora o fato de ambas fazerem parte de um mesmo processo humano: o da criação. Destarte, devem ser vistas como expressões culturais que atendem a necessidades sociais, às vezes, distintas, mas com peso cultural semelhante.

Andrade (1938) discorrendo sobre “O artista e o artesão”, defende a tese de que, quanto aos processos de movimentar o material, a arte se confunde quase inteiramente com o artesanato, pelo menos naquilo que se aprende. Todo artista tem, ao mesmo tempo, uma prática de artesão e, por trás de todo grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos sempre um artesão. O autor, porém, vê aproximação apenas no processo de ensino da técnica, mas não reconhece a produção artesanal em seu sentido *lato* como expressão da arte. Afirma a esse respeito:

O artesanato é uma parte da técnica da arte, a mais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume no artesanato. O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar, mas há uma parte da técnica de arte que é por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista. Esta parte da técnica obedece a segredos, caprichos imperativos do ser subjetivo, em tudo o que ele é, como indivíduo e como ser social. Isto não se ensina a reproduzir é imitação.

O referido autor defende um ponto de vista que distingue o artista a partir do objetivo final de seu trabalho: a obra de arte pura e simplesmente como criação e expressão de seu talento. A semelhança com o artesão é somente a técnica, fugir disso seria prejudicial à obra de arte. O artista é verdadeiro se estiver consciente de seu destino e da missão no mundo, chegando à verdade de que, em arte, o principal é a obra em si. Atribui ainda ao artista propriedades criativas e preocupações estéticas voltadas à arte pela arte, em detrimento do exercício do artesão. Quanto a

este, o objeto é o testemunho, não só de um conhecimento técnico, mas de uma visão do mundo, de sua revelação, dialogando na tentativa de dizer quem ele é por que o faz e atribuindo a si e seu grupo valores simbólicos de quem vivencia um modelo cultural. É na tensão entre a repetição e a criação que há a possibilidade da revelação do objeto artesanal, que, nesse processo, contém algo de rebeldia e transgressão da própria repetição.

Sobre a arte por trás de todo trabalho artesanal e sobre a relevância da criatividade inerente a esse processo, Araújo apud Aranha (1985) afirma:

O artesanato tem muito de arte no conceito tradicional, não só pela continuidade do elemento que representou o molde inicial, mas também porque sem a mecanização *standard* e por se constituir uma seriação manual, cada novo objeto é recriado dependendo das condições do material a trabalhar e dos instrumentos de trabalho. Cada nova forma surge como recriação, recebendo o toque pessoal do artesão.

O ponto de vista aqui adotado encara o artesanato como um processo criativo semelhante àquele presente em qualquer produção artística: como manifestação de uma cultura numa determinada tradição de trabalho manual.

1.2 ASPECTOS ECONÔMICOS E INSTITUCIONAIS

A atividade artesanal no Brasil está cada vez mais voltada às demandas de mercado e à sobrevivência. Assim, os esforços e o processo criador dos artefatos artesanais possibilitam e, ao mesmo tempo, desenvolver uma produção singular de certa cultura contribuir com a sustentação da família.

Dessa forma, tem se tornado relevante o papel econômico e social do trabalho artesanal, tem ganhado relevância na vida das pessoas em condições de baixa renda. Sobre essa questão, há um debate internacional e ações que destacam a importância do artesanato na geração de renda. Ações de fortalecimento desse segmento são geradas a partir da articulação do Conselho Mundial do Artesanato, organização internacional fundada em 1964, ligada à Unesco, sem fins lucrativos, não governamental e que vem trabalhando para o desenvolvimento do artesanato, reforçando o papel deste como parte vital da vida cultural e econômica dos países (WCC, 2011). Sua finalidade é

Reforçar o estatuto do artesanato como uma parte vital da vida cultural e econômica, para promover a comunhão entre os artesãos de todo o mundo, para oferecer-lhes incentivo, ajuda, conselhos e promover o desenvolvimento econômico através de atividades geradoras de renda. Em suma, a missão do Conselho é procurar trazer o artesanato e os artesãos na corrente da vida, a ligação com o passado através da manutenção de tradições herdadas e olhando para o futuro através do uso de tecnologia moderna para experimentar, inovar e alcançar novos mercados. (WCC, 2011).

A WCC está presente em cinco regiões do mundo, África, Ásia, Europa, América Latina e América do Norte, e reúne-se periodicamente para debater e propor temas relacionados ao artesanato. Esse Conselho Mundial do Artesanato insiste, em suas declarações oficiais, na necessidade de proporcionar dignidade, respeito e autoestima aos artesãos, a fim de contribuir para a promoção do reconhecimento de seu trabalho, visto que essas pessoas levam em suas mãos o tesouro vivo de um determinado patrimônio cultural.

A WCC (2011) afirma que uma nação permanece viva quando sua cultura permanece viva e, diante disso, compreende o artesanato como toda atividade produtiva geradora de objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade. Enfatiza também ser a produção de alguns artefatos resultado da participação de vários artesãos durante a sua produção, desde a coleta da matéria-prima até a divulgação e comercialização do produto. Nesse trabalho, são necessárias destreza e habilidade para a criação e originalidade frutos da transmissão de conhecimento tradicional através de gerações.

No Brasil, uma pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), em 2002, definiu o artesanato como uma atividade em que no mínimo, 80% do trabalho é realizado pelo artesão e ocorre a transformação da matéria-prima local em produto acabado. Além disso, tem identificação cultural com a região e/ou com o artesão, o qual desenvolve uma técnica oriunda dos conhecimentos de seus antepassados (BRASIL, 2011).

Enquanto isso, o Sebrae constrói ações e políticas públicas voltadas para o fortalecimento do empreendedorismo, geração de renda e comercialização voltada a esse segmento. A atuação dessa instituição visa a “[...] contribuir para o desenvolvimento do artesanato de forma integrada, enquanto setor econômico viável que amplia a geração de renda, de postos de trabalho e promove a melhoria da qualidade de vida” (MASCÊNE, 2010, p.10).

De acordo com dados da pesquisa realizada pelo IBGE (2008 apud MASCÊNE, 2008), em 2006 64% dos municípios do Brasil têm algum tipo de produção artesanal e esta é a mais expressiva manifestação da nossa cultura. O artesanato também tem significativo papel na geração de renda no Brasil, são milhões de artesãos em todo o território nacional.

O interesse voltado ao segmento artesanal por parte de instituições nacionais de fomento à economia e à cultura, se dá devido ao investimento necessário ao setor ser baixo se comparado a outros setores da economia. Dentre fatores que justificam sua relevância, destacam-se: a matéria-prima natural; promoção da inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas; estímulo à prática do associativismo; e fixação do artesão rural no seu local de origem, evitando o crescimento desordenado dos centros urbanos; e ocupação da mão-de-obra sem qualificação formal, tornando-se um meio de sobrevivência, especialmente em comunidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Esse último fator faz desse segmento da economia um elemento estratégico para melhorar a qualidade de vida das comunidades pobres do Brasil.

A seguir, apresentaremos algumas categorias de produtos artesanais com base no seu processo de produção, sua origem, uso e destino (MASCÊNE, 2010).

Arte popular é conceituada como conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas que configuram o modo de ser e de viver do povo de um lugar.

Artesanato consiste numa atividade produtiva que resulta em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

Trabalhos manuais estão na categoria dos que exigem destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões pré-definidos, resultando em produtos de estética pouco elaborada. Não são resultantes de processo criativo efetivo.

Produtos alimentícios típicos são, em geral, produtos alimentícios processados segundo métodos tradicionais, em pequena escala, muitas vezes em família ou por um determinado grupo.

Produtos semi-industrializados e industriais ou *industrianato/souvenir* caracterizam-se pela produção em larga escala, utilizando para esse fim formas e moldes, máquinas e equipamentos de reprodução, com pessoas envolvidas e

conhecedoras apenas de partes do processo. Geralmente são peças produzidas com foco no mercado turístico.

Artesanato indígena categoria artesanal é produzido dentro de uma comunidade indígena por seus próprios membros. É, em sua maioria, resultante de uma produção coletiva incorporada ao cotidiano da vida tribal que prescinde da figura do artista ou do autor.

Artesanato de referência cultural é representado por produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. O produto já existe naquela cultura, é resultado de um processo cultural antigo, mas passa por uma intervenção planejada de artistas e designers em parceria com os artesãos. Cria-se um novo produto com o objetivo de diversificar os já existentes, porém preservando seus traços culturais mais representativos.

Artesanato conceitual é aquele formado por objetos produzidos com base num processo de inovação para atender um projeto de um estilo de vida ou afinidade cultural. Tem na inovação seu principal elemento diferenciador das demais categorias de artesanato. Por trás desses produtos, existe sempre uma proposta, uma afirmação sobre estilos de vida e de valores, muitas vezes explícitos por meio dos sistemas de promoção utilizados, sobretudo aqueles ligados ao movimento ecológico e naturalista.

Artesanato tradicional é formado por artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo e que representam suas tradições, além de estar incorporado à sua vida cotidiana; aquilo que é produzido, em geral, pelo grupo familiar ou por pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Tem forte importância cultural pelo fato de ser depositário de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e dos costumes de um determinado grupo.

Essa última categoria de artesanato interessa-nos diretamente, pois nela se enquadra o tipo de produção desenvolvido pela população de artesãos do assentamento Palheiros III em Upanema-RN. Para aquela população, o artesanato tem a característica de ser praticado e transmitido através das gerações independentemente da demanda de mercado. Portanto, é muito ligado às práticas da tradição e procura atender uma demanda de bens de uso pelas famílias. São produzidas peças artesanais que tenham utilidade no cotidiano das pessoas,

inclusive de quem produz o artefato. No entanto, pode atender às demandas mercadológicas quando se descobrem suas aplicações para além da comunidade artesã de seu uso convencional, como é o caso de esteiras para uso em isolamento térmico.

No quadro seguinte temos uma representação da matriz utilizada pelo Programa Sebrae de Artesanato, que ilustra o cruzamento das categorias artesanais, suas origens, seus usos e suas tipologias.

Quadro 1: Classificação da tipologia do artesanato e usos

Categorias		Atendidos integralmente					
		Arte popular	Artesanato				Trabalhos manuais (artesanato doméstico)
			Indígena	Tradicional	Referência cultural	Conceitual	
Origem	Quem faz?	Artista popular	Índio	Artesão	Artesão	Artesão	Artesão
	De onde veio?	Da criação individual atemporal	Das tradições da nação indígena	Técnicas transmitidas de geração a geração, geralmente dentro de uma mesma família	Releitura de elementos de uma cultura tradicional, desenvolvendo novos produtos	De origem urbana, onde a inovação é o elemento principal	Cópia de técnicas e produtos de domínio público
	Como é feito?	Peça única, feita por uma pessoa, predominando processos manuais	Produção coletiva de série de objetos	Produção em pequena escala de séries de objetos, individual ou coletivamente	Produção de coleções temáticas em núcleos de produção	Produção de objetos conceituais com enfoque cultural e/ou ecológico, com predominância do trabalho individual	Produção a partir de moldes e padrões pré-definidos, atividade secundária com o propósito de complementar a renda
Uso	Para qual uso?	Decorativo Educativo Lúdico Religioso	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Adornos e acessórios Decorativo Educativo Lúdico Religioso Utilitário
Destino	Para quem?						
	Onde?						

Fonte: Mascêne (2010).

Quanto ao uso, o que é produzido artesanalmente encontra-se distribuído em: adorno e acessório; decorativo; educativo; lúdico; religioso; utilitário. O resultado do trabalho artesanal da população que investigamos é basicamente de ordem utilitária. Dessa maneira, são desenvolvidos com a finalidade de atender às

necessidades das pessoas nos seus vários ambientes, seja no campo ou na atividade doméstica. Geralmente são peças que têm o seu valor medido pela função que exercem no cotidiano, e não pelo seu valor simbólico. Na verdade, são artefatos que servem para facilitar de alguma forma a vida das pessoas. Há quatro anos o artesanato desse grupo passa a atender interesses da indústria petrolífera, sobretudo as esteiras de palha usadas como isolante térmico após passar por processo de impermeabilização. Por exemplo, com o uso da carnaúba, seja das suas folhas, do seu tronco ou dos seus talos, é possível criar inúmeros artefatos na perspectiva do artesanato tradicional.

As matérias-primas do artesanato produzido nos estados brasileiros podem ser de origem animal, vegetal ou mineral e podem ser usadas em estado natural, processadas artesanalmente/industrialmente ou ser decorrentes de processos de reciclagem/reaproveitamento. Para cada matéria-prima principal, temos práticas profissionais que resultam em tipos de produtos específicos, com suas respectivas técnicas, ferramentas e finalidades de uso.

As principais matérias-primas utilizadas no artesanato brasileiro são:

- argila ou barro;
- pedra (pedra sabão, granito, mármore);
- madeiras (cedro, jacarandá, pequi, reaproveitadas, reflorestadas, refugos);
- sementes e cascas (patauí, açaí, pau-brasil, tucumã, olho-de-boi, olho-de-cabra, guapuruvu, paxiubão);
- fios (algodão, linho, seda, juta);
- couro (animal ou sintético);
- metais (ferro, cobre, bronze, alumínio, prata, ouro, latão);
- papel (artesanal, reciclado, industrial);
- outros (vidro, osso, chifre, borracha, conchas, areia, plástico, cera, massa, etc.);
- palhas (do milho, do trigo, do arroz, carnaúba) e cipós (imbé, ingá, titica, do fogo, timbó);
- fibras vegetais (taboa, babaçu, caroá, carnaúba, buriti, piaçava, sisal, juta, junco, bambu, vime, bananeira, rami, capim-dourado, tucumã, arumã, taquara, ouricuri, coco).

A seguir, há um quadro que ilustra as matérias-primas utilizadas, o processamento realizado para se atingir o produto artesanal final, o estado em que são trabalhadas, suas origens e os ofícios artesanais e produtos no Brasil.

Quadro 2: Classificação do artesanato em função da matéria-prima utilizada

Matéria prima	Mineral		Vegetal		Animal		Mineral + Vegetal +Animal	
Natural	Argila	Cerâmica Porcelana Mosaicos	Fibras	Tapeçaria Cestaria Movelaria	Couro	Sapataria/ Calçados Selaria Malas		
	Pedra	Santeria Joalheria Movelaria Cantaria	Madeira	Marchetaria Lutheria Carpintaria naval Marcenaria Santeria / Escultura		Chifre e osso		
					Conchas e corais	Entalhes e esculturas		
					Lã	Tecelagem		
					Cascas e Sementes	Práticas diversas		
Processada	Metais	Ferraria/ Ferramentas Utensílios Joalheria Serralheria	Fio	Tecelagem Rendas Bordados	Couro	Calçados Selaria Malas	Cera	Modelagem
			Tecido	Costura Bordados	Fio de seda	Tecelagem Bordados	Couros Sintético	Calçados Confecção de bolsas e acessórios
	Vidro	Vitrais Mosaicos Embalagem						
	Gesso	Modelagem					Parafina	Modelagem
	Parafina	Modelagem						
Reciclável / Reaproveitável	Metais	Ferramentas Utensílios Joalheria Serralheria	Madeira	Marchetaria Marcenaria Escultura	Couro	Práticas Diversas	Couro sintético	Calçados Costura/ Confecção de bolsas e acessórios
			Papel	Práticas diversas	Lã	Tecelagem Tapeçaria Bordado		
	Vidro	Vitrais Mosaicos Embalagens	Tecido	Costura Bordados Fuxico				
	Plástico	Práticas Diversas						

Fonte: Mascêne (2010).

Da palmeira da carnaúba podem ser aproveitadas para a produção de artesanato as fibras, a madeira, as cascas, as sementes, o fio.

No artesanato com a carnaúba, a palha (folha seca), depois da cera, é o produto que apresenta mais importância econômica no Nordeste. A atividade artesanal é exercida nos três estados produtores: Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Nessas regiões, a palha é aproveitada na confecção de inúmeros objetos como tarrafas, escovas, cordas, chapéus, bolsas, vassouras, cestas, assentos de

cadeiras e sofás, colchões, redes e esteiras, além de sua utilização em cobertura de construções rústicas e como adubo, se triturada.

Segundo Alves (2008), no Ceará, há arranjos produtivos de artesanato de carnaúba em municípios com larga tradição na atividade, é o caso de Palhano e Itaiçaba. Ainda em Sobral, concentram-se fábricas de chapéus de palha destinados à exportação para outros estados do País. No Rio Grande do Norte, a utilização da palha para a produção artesanal tem destaque nas regiões do Trairi e no Vale do rio Açu, sobretudo nos municípios de Açu, Ipanguaçu, Upanema, São Rafael, Pedro Avelino, São José de Campestre e na zona metropolitana de Natal. No RN, a palha da carnaúba é a principal fonte de matéria-prima para o artesanato. Quanto ao processo de preparação da palha para a produção, tanto no Ceará como no RN, ocorre de forma totalmente manual, desde a fase de coleta até a elaboração de vários tipos de tranças, esteiras ou outros produtos intermediários que entrarão na confecção de utensílios de mesa, bolsa, cestas, baús e chapéus. Outro produto à base da palha de carnaúba é o papel.

Foram os habitantes indígenas os primeiros a fazer uso da carnaúba para produção artesanal. Os primeiros usos da palha destinaram-se a confeccionar cestarias com os entrançados da fibra. Cascudo apud Aranha (1995) afirma a esse respeito que

Como a zona da carnaubeira coincide com o habitar dos cariris é possível fossem estes os seus utilizadores iniciais em determinada zona do Nordeste. Os Tupis empregariam posteriormente com maior amplitude e os portugueses receberiam destes a técnica [...].

Autores como Macedo (1855) citado por Carvalho (1982, p.?) escrevia que “A palha da carnaúba não deixa de ser já muito aproveitada, para muitos usos, bem como chapéus, esteiras, vassouras, capachos e cordas, etc. [...]”. Essa importância da palha para a economia dos estados do Nordeste produtores de artesanato é registrada em documento escrito por Guerra apud Brasil(a), o qual faz a seguinte observação sobre as aplicações da palha de Carnaúba:

Da palha verde, machucada, é extraída uma fibra muito empregada para o fabrico de cordas. São muito usadas em todos os sertões do norte; teem grande consumo; o seu preço médio é de 30 réis cada braça. Não se pode comparar a corda da fibra de carnaúba com os cabos de linho, pela superioridade destes; entretanto, é ela de muito bom uso e tem bastante resistência. Fazem-se ainda da palha “surrões” ou “jacás” apropriados para

o transporte de sal, batatas, frutas, caroços de algodão, sacos de farinha, etc. [...] Fazem-se também grandes porções de vassouras e abanos; há grande consumo de esteiras para todos os usos domésticos e principalmente em tempo de chuvas, para envolver fardos de mercadorias e no verão servem para evitar que as cordas estraguem o pano dos sacos transportados em animais. [...] É bastante desenvolvida a indústria de chapéus de palha de carnaúba [...].

Segundo Medeiros (1985), com o processo de interiorização do povoamento do Rio Grande do Norte, aconteceram os primeiros contatos do homem branco (espanhóis, franceses e portugueses) com os índios da região – Cariris, Kiriris e Tarairius, esses últimos eram moradores das terras que margeiam o Rio Açu. Com esse grupo, pode-se afirmar que se iniciou a utilização da palha da carnaúba para fins utilitários e domésticos.



Carnaubal em Triunfo Potiguar

Essa origem do artesanato com a carnaúba no Nordeste influenciou as famílias que viviam no campo e transformou-se em produto importante para economia até os primeiros anos do século XX. A esse respeito, temos o valor de uso e comercial da esteira no cotidiano nordestino, mencionado por Guerra (1912) citado por Brasil (1942, p.38), o qual afirma que, nessa época,

Há grande consumo de esteiras para todos os usos domésticos e principalmente em tempo de chuvas, para envolver fardos de mercadorias e no verão servem para evitar que as cordas estraguem o pano dos sacos transportados em animais. [...] É bastante desenvolvida, embora rotineira, a indústria de chapéus de palha de carnaúba. A palha seca é ainda muito empregada para coberta de palhoças e choupanas; e para “enchimento” de cangalhas¹ sertanejas.

É importante destacar que, desde o Brasil Colônia, o olho da carnaúba² serve para a fabricação de produtos a partir da palha. Por exemplo, os indígenas fabricavam cordas chamadas de *ticum de carnaúba*, que tinham uma grande importância para proveito da Província, pois, ao menos, era um emprego a que se poderiam aplicar esses montões de olhos, que eram queimados depois da extração da cera. (BRASIL, 1942). Assim, a partir da carnaúba como produto, articulou-se toda uma estratégia produtiva e uma representação histórica e social da produção, revelando, possivelmente, a identidade de um povo e suas estratégias. Colocamos, assim, no centro das discussões, a carnaúba, como matéria-prima, nas mãos dos seus artistas, os artesãos.

¹ Armação de madeira ou de ferro que sustenta e equilibra a carga dos animais, metade para cada lado.

² Folhas novas que ainda não abriram e que se localizam no topo da palmeira.

CAPÍTULO 2 - A CARNAÚBA: MATÉRIA-PRIMA PARA O ARTESANATO

Talvez me desvaneça amor do ninho, ou se iludam as reminiscências da infância avivadas recentemente. Se não, creio que, ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravio que lhe vem da várzea. Derrama-o, a brisa que perpassou os espátos da carnaúba e a ramagem das aroeiras em flor. (ALENCAR, 1865, p.1)

As matérias-primas apresentam-se de diversas formas e com graus de complexidade diferentes no processo de sua transformação pela intervenção do artesão. Sobre isso, é importante se pensar que, em qualquer processo de construção do artefato, seja de barro, palha, fibra, pedra, madeira, argila, osso ou cipó, há um fator fortemente presente: a entrega do artesão nessa relação com a matéria e seu compromisso com a geração de um produto final. Não importa se o destino é o mercado da moda, o ambiente doméstico ou industrial, ou se é para o uso do próprio produtor no seu processo de trabalho. A transformação de um objeto é uma estratégia do artesão para a transformação de si mesmo. No nosso caso, a carnaúba é a matéria-prima que leva o artesão a produzir objetos por meio dos quais ele mesmo se produz; por meio de sua prática e, reproduz-se o modo de ser artesão.

A carnaubeira ou carnaúba (*Copernicia prunifera*)³ é uma planta nativa do nordeste brasileiro que possui tronco reto e cilíndrico. Sua incidência é em pontos mais próximos dos rios, principalmente solos argilosos, aluviais (de margens de rios) e com a capacidade de suportar alagamento prolongado durante período de chuvas. É resistente a elevados teores de salinidade, suportando cerca de 3.000 horas de insolação por ano. Recobrimo as folhas há o pó, consequência de sua adaptação às regiões secas. Como a camada de pó reflete a luz, não há prejuízos ao processo de fotossíntese da planta. O principal aproveitamento econômico da carnaúba é via corte de suas folhas, que ocorre no verão (ALVES, 2008).

³ Brasil (1942). A literatura traz também o nome *Copernicia cerifera* Mart. É uma dentre 21 espécies que formam o gênero *Copernicia*, nome atribuído em homenagem ao astrônomo Nicolau Copérnico, devido à copa redonda da palmeira.



Carnaúba após a poda para retirada do “olho”

Foram os habitantes indígenas os primeiros a fazer uso da carnaúba para produção artesanal. Os primeiros usos da palha foram para confeccionar cestarias com os entrançados da fibra. Cascudo apud Aranha (1995, p. 163) afirma a esse respeito:

Como a zona da carnaubeira coincide com o habitat dos cariris é possível fossem estes os seus utilizadores iniciais em determinada zona do Nordeste. Os Tupis empregariam posteriormente com maior amplitude e os portugueses receberiam destes a técnica [...].

Sobre o valor de uso e comercial da esteira no cotidiano nordestino, Guerra citado por Brasil (1942, p.38) constata que, nessa época,

Há grande consumo de esteiras para todos os usos domésticos e principalmente em tempo de chuvas, para envolver fardos de mercadorias e no verão servem para evitar que as cordas estraguem o pano dos sacos transportados em animais. [...] É bastante desenvolvida, embora rotineira, a indústria de chapéus de palha de carnaúba. A palha seca é ainda muito

empregada para cobertura de palhoças e choupanas; e para “enchimento” de cangalhas⁴ sertanejas.

Segundo dados do IBGE (2008 apud MASCÊNE, 2010) dos anos de 1990 a 2006 o produto de maior representatividade é o pó (em torno de 220 mil toneladas); cujo uso é destinado à produção da cera. O Ceará lidera 46% da produção nacional, seguido pelo RN e pelo Piauí, que participam com 26 e 28%, respectivamente.



Carnaubal em extinção em Serrinha dos Pintos

A carnaubeira ou carnaúba apresenta duas variedades em seu ambiente natural, dependendo da direção que tomam suas folhas. Há aquelas cuja direção das folhas é para a direita, enquanto noutras se dá para a esquerda; diferenciando-se conforme o nascimento das folhas. “Se são ligadas ao estípite (tronco), em hélices, que subindo da base, se desenvolvem para a direita ou para a esquerda, são chamadas, respectivamente, carnaúba branca e carnaúba vermelha, por assim as distinguirem” (IBGE, 2008 apud MASCÊNE, 2010). As primeiras investigações científicas com vistas a descobrir as propriedades da carnaúba foram motivadas pelo uso de sua cera por pessoas do campo na fabricação de velas. As pesquisas, que datam de 1811, buscavam aperfeiçoar esse produto natural e substituir a cera de abelha, até então utilizada para produzir velas, tendo em vista esse empreendimento formar também um novo ramo de comércio entre o Brasil e a Inglaterra. Assim, foram enviadas amostras à Inglaterra oriundas do Rio Grande do Norte e do Ceará. Em 1836, Macedo (1867) levou a Paris ½ kg da cera para que o

⁴ Armação de madeira ou de ferro que sustenta e equilibra a carga dos animais, metade para cada lado.

laboratório do curso de Química da Sorbonne a analisasse. A utilização da cera de carnaúba para a produção de velas remonta ao século XVIII. Mas foi a partir da segunda metade do século XIX que a descoberta de novas utilizações para o produto intensificou suas exportações e propiciou o desenvolvimento de atividades extrativistas, agroindustriais e comerciais, de grande relevância econômica para o estado do Ceará.



Carnaubal em Pedra Grande

Em 1852, foi realizada a primeira exportação de cera. Em 1856, Macedo entrou em negociação com uma empresa parisiense a fim de instalar uma fábrica de velas de cera vegetal no Ceará, mas com a condição de encontrar um meio de clarear a cera. As tentativas falharam e, em 1867, Macedo publicou a *Notice sur Le Palmier Carnaúba*, o que a tornou mais conhecida e citada em maior número de livros científicos da época.

Dentre diversos usos da carnaúba, forma apontadas, em 1867, as propriedades médicas de sua raiz, capaz de substituir as raízes da salsaparrilha. “Os aborígenes e os seus descendentes [...] a usavam frequentemente em⁵ suas afecções cutâneas e nos casos sífilíticos [...]” (BRASIL, 1942, p.19).

Como se vê, o interesse por conhecer as propriedades e utilidades da carnaúba é tanto dos primeiros viajantes estrangeiros quanto dos brasileiros. Isso acontece desde os primórdios da História do Brasil.

⁵ Pode ser traduzido como árvore que arranha.



Pó de carnaúba armazenado.

Marcgrav citado por Brasil (1942) descreve pela primeira vez a carnaúba na história *Naturalis Brasiliae*, impressa em Armsterdã em 1648. Os índios cariris chamavam-na “*ananachi-cariri*” e Marcgrav acrescentou a denominação “*caraná-iba*”; do que resultou *carnaíba*, *carnaubeira* ou *carnaúba*. As populações indígenas e sertanejas souberam fazer da carnaúba uma planta de múltiplas utilidades: as raízes têm aplicações medicinais; o tronco é utilizado em construções; o palmito e os frutos servem como alimento para os animais e pequeno porte; e as palhas, além de aplicadas na confecção de utensílios artesanais e na adubação dos solos, produzem uma cera com propriedades físico-químicas excepcionais.

Como a zona da carnaubeira no Rio Grande do Norte coincide com o *habitat* dos cariris, é provável que estes tenham sido os primeiros a utilizá-la em seu dia a dia. Os tupis utilizaram-na, posteriormente, com maior amplitude e repassaram sua técnica aos portugueses, que conheceram depois a utilização da carnaúba.



Casa de artesã no assentamento Palheiros III

Para o sertanejo, a carnaúba tem inúmeras utilidades: serve para fazer a casa, o mobiliário e os utensílios de sua casa. Nesta, é empregada como vigas e ripas. A mesma aplicação tem na construção de jangadas. A madeira, quando reta, serve de traves para casas, currais, cercados, pontes, bengalas e móveis. O tronco, quando perfurado ou brocado, é empregado como tubo e bomba d'água. O palmito – parte superior da haste – produz vinho, vinagre e sacarina. A árvore produz ainda uma fécula nutritiva que serve de alimento para o povo do sertão em época de escassez; o miolo picado alimenta cavalos, substituindo o milho; os frutos verdes, quando cozidos, substituem o milho verde e são utilizados na alimentação humana; seus frutos maduros são cobertos de uma fécula ou massa doce agradável e nutrem o gado e as pessoas (ALVES, 2008).



A fruta da carnaúba (esq.)



Em detalhe (dir.)

A palmeira é encontrada em outras regiões do Brasil onde é denominada de *carandá*, diferindo, porém, da carnaubeira encontrada no nordeste pela ausência do pó cerífero, devido ao excesso de umidade relativa do ar no Pantanal. O emprego industrial da cera abrange diversas áreas devido às suas características após ser refinada. É utilizada na fabricação de produtos farmacêuticos, cosméticos, filmes plásticos e fotográficos, entrando, ainda, na composição de revestimentos, impermeabilizantes, lubrificantes e vernizes, na confecção de *chips*, *tonners*, códigos de barras e na indústria alimentícia (ALVES, 2008).

Devido ao predomínio da carnaúba nesta região, a extração vegetal ocupou posição de destaque por muito tempo, e a atividade artesanal com palha da carnaúba desenvolveu-se e perpetuou o ofício aos filhos e aos netos dos primeiros artesãos das regiões do RN onde brotam as carnaúbas.

Até a primeira metade do século XX, a cera de carnaúba foi um produto extremamente valorizado, contribuindo para o enriquecimento de exportadores e elites regionais que se beneficiaram da concentração fundiária e acumularam capital mediante o comércio e o consórcio gado-algodão-carnaúba amparados na exploração de trabalhadores sem-terra e minifundistas. Após a Segunda Guerra Mundial, os preços da referida cera começaram a cair. A crise estimulou a ação planejada do Estado, que atuou, principalmente, como protetor dos interesses de grandes proprietários e exportadores desse produto (BRASIL, 1942).

A partir da década de 1960, a modernização da agricultura, estimulada pelo Estado, implicou o desmatamento de extensos carnaubais no Ceará. Desde então, o

extrativismo da carnaúba é tratado como uma atividade econômica tradicional e de pouca rentabilidade.

Vários tipos de beneficiamento da cera



Fonte: ETENE (2008)

A contínua queda dos preços, a baixa remuneração de trabalhadores e de pequenos produtores, o fechamento de indústrias exportadoras, o incipiente desenvolvimento tecnológico do processo produtivo e o desmatamento sistemático de carnaubais são indicadores do agravamento de problemas estruturais e parecem anunciar o colapso do setor.

Todavia, ao contrário do que costuma afirmar o senso comum, a cera de carnaúba, no entanto, não foi, e dificilmente será, integralmente substituída por ceras sintéticas. O crescimento das exportações e a demanda em setores industriais diversificados indicam a existência de um mercado cativo. A despeito da desvalorização e dos desmatamentos, o extrativismo da carnaúba atravessou o século XX e se mantém vivo no século XXI, reproduzindo algumas das técnicas e relações sociais que vigoravam no século XIX. A palmeira continua a representar uma fonte essencial de trabalho e renda, e a sobrevivência do extrativismo pode ser atribuída, sobretudo, à condição de miséria dos trabalhadores rurais e à falta de opções de emprego no período de estiagem, o que historicamente tem possibilitado a apropriação dos resultados desse trabalho por proprietários de carnaubais, produtores, industriais exportadores e grupos internacionais (ALVES, 2008).

A concentração de riqueza e as desigualdades sociais, características do sistema capitalista de produção e que, no semiárido nordestino, assumem contornos extremos, formam um intrigante paradoxo no extrativismo da carnaúba. Dos carnaubais esquecidos e trabalhadores miseráveis, a cera adentra o mundo globalizado para tornar-se *chip* no computador, produto da microeletrônica, ou batom sofisticado na indústria de cosméticos.

No Rio Grande do Norte, a área de carnaubais na região conhecida como Vale do Açu era de 25 mil hectares, ocupando mais de 62% da várzea. A densidade era tamanha que havia trechos nos quais era praticamente impossível caminhar pelo

carnaubal. Ainda no RN, o desmatamento das áreas de carnaubais passou a ser mais intenso com a construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no Vale do Açu, provocando inclusive a destruição do município de São Rafael, além de vastos carnaubais. Com a barragem, o espaço foi ocupado por empresas agrícolas para a exploração da fruticultura tropical. Uma das consequências foi o aceleração no desmatamento de carnaubais, principalmente nos municípios de Açu, Ipanguaçu e Carnaubais (ALVES, 2008).

De acordo com dados do IBGE (2008 apud MASCÊNE, 2010) em 2006, os municípios potiguares de Apodi, Felipe Guerra e Açu são os principais produtores de cera de carnaúba e Triunfo Potiguar destaca-se na produção de fibra. Em nossa pesquisa, o lócus de pesquisa é o assentamento Palheiros III, no município de Upanema/RN, criado em 1988 pelo Programa Nacional de Reforma Agrária e, atualmente, um importante produtor de esteiras feitas com palha de carnaúba.



Mulheres preparando tranças para a confecção da esteira

Fonte: www.bnb.gov.br

A pesquisa aconteceu nesse assentamento pelo fato de nele se concentrar um maior número de artesãs ligadas à tradição familiar da confecção de peças artesanais com a carnaúba. Fez-se necessário demarcar o referido assentamento como território, entendido este não apenas em sua dimensão geográfica, mas como afirma Osório (2005, p.187):

o conjunto de todas as ações (nos diversos âmbitos do trabalho, da economia, da cultura, das relações, etc.) de que a pessoa e a comunidade dispõem para desenvolver a sua vida pessoal e de grupo. Implica todo um conjunto de subsistemas que se inter-relacionam pelo que exige uma reflexão ou uma consideração interdisciplinar.

Ele ainda continua afirmando que:

O território implica tanto o ambiente natural como o físico, social e cultural ao desenvolvimento humano. É o lugar onde os problemas são mais imediatos e visíveis, porque as relações humanas e os problemas afetam de forma mais direta. O território expressa melhor as categorias antropológicas básicas para a individualização e a intervenção nos processos educativos. (OSÓRIO, 2005, p.188).

O trabalho artesanal desenvolvido pelas mulheres dentro do território assentamento Palheiros III atua como importante elemento estratégico de sustentabilidade ambiental e familiar: de um lado, a carnaúba, que ao ser cortada em suas hastes superiores, revigora-se para um novo ciclo do extrativismo peculiar àquelas famílias; do outro lado, as próprias famílias artesãs, no trabalho coletivo e organizado para a produção do artesanato, sobrevivem do extrativismo e do beneficiamento da palmeira. “Árvore da providência” é a expressão pela qual ficou conhecida há séculos, pois dela tudo se utiliza; denominação explicada pela sua versatilidade de uso pelo habitante local. Mas é a folha que apresenta em seu aproveitamento ou processamento o resultado de maior impacto positivo na vida das pessoas. Das suas folhas, surge o meio de manutenção da vida dessas mulheres e de suas famílias, por meio da estratégia de subsistência com a confecção do artesanato.

A artesã mais idosa do assentamento Palheiros III



FONTE: O autor (2011)

Conforme mencionamos após muitos anos de destaque na economia do RN, as atividades econômicas decorrentes da carnaúba sofreram queda na década de 1990. Um dos fatores apontados foi a abertura econômica do Brasil aos produtos industrializados importados e a consequente importação de utensílios domésticos de baixo custo, sobretudo oriundos da China, o que provocou uma diminuição no consumo local das peças de artesanato da carnaúba.

A comunidade se deparou com um duplo problema: a ameaça de extinção do artesanato pela falta de matéria-prima e a falta de renda para as famílias artesãs. Essa realidade mudou apenas quando, por iniciativa da empresa Petrobrás, por meio de pesquisas desenvolvidas, foi criada uma tecnologia que utilizava a esteira da carnaúba para revestir as tubulações da empresa pelas quais passam os vapores

injetados nos poços terrestres de extração de petróleo. Essa utilização acontece devido à própria característica da composição das folhas da carnaúba, trançadas em forma de esteira, resistente a longos períodos tanto de seca quanto de alagamento. Assim, o alumínio, que era frequentemente roubado por seu valor de sucata, foi substituído pelo produto artesanal de origem indígena, sendo fonte de renda para as mulheres do assentamento Palheiros III.

Folhas do olho da carnaúba secando ao sol



Fonte: O autor (2011)

Atualmente, a demanda por esteiras e sua valorização no mercado fizeram crescer a oportunidade de fortalecimento da atividade de artesanato da palha de carnaúba e a mobilização das artesãs para a produção de um produto inovador, resolvendo, assim, um problema da Petrobrás. Destacamos que as artesãs, grupo do nosso estudo, produzem, principalmente, esteiras e tranças.

Nossa temática trata de artesãs que transformam palhas da carnaúba em artesanato, vistas como sujeitos que detêm um tipo de habilidade aprendida e transmitida ao longo de gerações. Neste sentido, afirmar Turner (1990, p.33):

[...] é a mão humana com a maravilhosa habilidade garantida pela oposição entre o polegar e indicador, juntamente com a expansão de nosso córtex cerebral, que faz do homem o que ele tem que ser – aquele animal que consegue se imaginar e imaginar outras coisas, que faz distinções e separações, que consegue enxergar um futuro e sentir falta de um passado.

Tais sujeitos agem no meio social em que vivem, atuam no grupo e são integrados a este na condição de agentes e, como tais pertencem a uma categoria social – de artesãos. Destarte deve-se levar em conta todo o conjunto de ações e sentidos em relação aos diversos objetos de seu entorno, com os respectivos significados a eles atribuídos, inseridos, pois, num campo social próprio com relações que dão sentido a esses agentes e ao seu modo de agir num determinado contexto.

A matéria-prima usada são os talos da parte dura interna das folhas e a própria folha ressecada transformada em palha. O contato com esse tipo de matéria e o processo que antecede a produção permitem que a relação com a natureza se dê a partir da própria atividade. Acerca disso Almeida (2006) afirma que:

temos muito a aprender com os intelectuais da tradição. Podemos começar aprendendo pela reflexão acerca da função social e política do conhecimento em dialogar as distintas formas de ver e compreender o mundo. Com os intelectuais da tradição também podemos aprender a importância de recorrermos aos ritmos mais tradicionais da própria vida, a significativa educação pela própria busca do conhecimento (autoformação) e o respeito à Natureza, principalmente levar isso para a nossa educação, que muitas vezes é marcada pela agitação, pelo aceleração, pelos conhecimentos plenamente previsíveis, pela concorrência, pela disputa sempre acirrada do capitalismo, pelo desencantamento.

A esteira acoplada à tubulação após processo de impermeabilização.



Fonte: O autor (2011)

Esse processo tem uma implicação de ordem ecológica e educacional, pois a atividade extrativista, o corte do olho da palmeira, seu uso para a confecção de artesanato e a utilização das palhas descartadas como adubo orgânico ou alimento para animais bem ilustram que, a partir de um trabalho manual, estão presentes saberes que ultrapassam a lógica produtiva. Estes produzem e se reproduzem no entrelaçar das palhas da carnaúba.

CAPÍTULO 3 - O ARTESÃO E O ARTESANATO DA CARNAÚBA

Como a primeira condição do homem é a miséria e a fraqueza, seus primeiros sons são a queixa e o choro. (ROUSSEAU, 2004, p. 53).

Fizemos considerações sobre as origens do artesanato e suas características principais no capítulo 1. No capítulo 2, discorremos sobre a carnaúba, suas utilidades e a importância para os artesãos e para a economia de alguns estados do Nordeste ao longo de décadas. Vamos, neste capítulo, nos debruçar acerca da relação das artesãs com o artesanato da carnaúba e de como essa atividade molda a identidade desses sujeitos a partir de elementos como o trabalho.

3.1 A CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FAMÍLIAS ARTESÃS

Atualmente, em Palheiros III, residem 142 famílias assentadas e 78 agregadas⁶, das quais 90% estão desde a criação do assentamento. Em noventa delas, há pelo menos um artesão em atividade. O assentamento recebe o nome Palheiros devido ao fato de haver naquela área, no início dos anos 1980, um significativo carnaubal⁷ (QUEIROZ NETO, 2010).

As artesãs com as quais realizamos a pesquisa residem em Palheiros III desde o ano de 1987. Muitas chegaram ainda crianças acompanhando pais e avós. As primeiras acomodações eram barracões improvisados enquanto aguardavam a liberação das primeiras casas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Os primeiros agricultores e familiares ocuparam de forma pacífica essas terras em 27 de julho de 1987. A ação dos agricultores marcou a história de Upanema, já que foi o primeiro assentamento de reforma agrária criado naquele município. A invasão foi incentivada pela Comissão da Pastoral da Terra (CPT) e pelo Sindicato Rural de Upanema. Oito anos após a ocupação, toda a área foi dividida em lotes pelo INCRA. Cada lote pertence a uma família e mede 2.130 hectares. Como principais fontes de renda destacam-se: agricultura, exploração de calcário, criação de gado bovino, benefício de aposentadoria pago pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e produção artesanal. As lavouras mais presentes são o milho, sorgo, feijão e algodão. Quase tudo produzido é para a

⁶ Famílias que não receberam cartas de posse do INCRA na origem do assentamento, mas que por laços consanguíneos e outras razões, tiveram autorização para construir residências na área do assentamento.

⁷ Nome que se atribui a uma área onde há centenas ou milhares de palmeiras da carnaúba (nota do autor).

subsistência, sendo o excedente comercializado nas feiras de Upanema e Açú⁸ (RAMBO, 2010).

Artesãs reunidas para roda de conversa durante a pesquisa



Fonte: O autor (2011)

Desde 2007, o artesanato de esteira com a palha da carnaúba ganhou força e representa um incremento na economia familiar do assentamento Palheiros III. Esse tipo de produto artesanal encontrava-se com mercado em baixa nos últimos anos, mesmo sendo parte da tradição entre as famílias do assentamento. A partir de parceria entre as artesãs, por meio da Associação Seguindo em Frente e a empresa Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobrás), um novo ciclo de produção teve início com base principal na produção de esteiras de palha. Segundo os próprios agricultores, além dessas duas instituições, o Projeto Dom Helder Câmara presta assistência técnica aos produtores rurais nas áreas associativas e na produção de hortaliças.

A Associação Seguindo em Frente tem como objetivo organizar a produção de esteiras e comercializá-las junto à Petrobrás, que lhe compra tudo que é produzido. Cada esteira mede 1,50 X 0,80cm e é vendida por R\$12,00 (doze reais) a unidade. Uma artesã confecciona de uma a três peças artesanais por dia. Antes

⁸ Todas as informações econômicas foram confirmadas com representantes da Associação de Trabalhadores Rurais do assentamento Palheiros III.

dessa parceria a unidade de esteira alcançava no mercado o preço máximo de R\$ 2,00 (QUEIROZ NETO, 2010).

O cenário favorável às artesãs começou no momento em que esse produto artesanal obteve um valor agregado significativo com a descoberta de seu uso para substituir o alumínio⁹ que envolve tubulações da companhia de petróleo brasileira.

Em 2003, o técnico da Petrobrás João Batista Dantas, à época voluntário do Projeto Petrobrás Fome Zero, teve a ideia de tentar substituir as mantas de alumínio pelas esteiras como uma forma de contribuir com o programa federal e tentar melhorar as vidas das famílias artesãs a ideia de tentar o uso alternativo de esteiras em substituição a mantas de alumínio foi do técnico da Petrobrás João Batista Dantas, à época, voluntário do projeto Petrobrás Fome Zero que viu na iniciativa uma forma de contribuir com o Programa de iniciativa do Governo Federal e tentar melhorar a vida das famílias artesãs (BRASIL, 2007). Sete meses depois e após inúmeros estudos de viabilidade técnica, o material artesanal foi aprovado e passou a ser usado como envoltório de dutos que atingem 200°C de temperatura e pelos quais trafega o vapor utilizado para diluir a viscosidade do petróleo em poços de exploração do mineral a principal função nesse caso é a de isolante térmico. Com uso muito frequente na engenharia, os isolantes são selecionados em função de aspectos que variam entre a economia e a segurança, a fibra da carnaúba se enquadra no primeiro aspecto. A função primária de um isolante é reduzir a taxa de transferência de calor entre um sistema e o meio, desse modo a energia [calor] pode ser conservada. Essa propriedade térmica aplicada em tubulações como as da área petrolífera é importante para que sejam evitados acidentes de trabalho no momento do manuseio dos dutos a temperaturas superiores a 60°C (NEIRA, 2005).

Até o ano de 2008, as artesãs haviam produzido mais de 80 km de esteiras e tranças¹⁰ da palha de carnaúba. Esse material foi usado no revestimento¹¹ de dezenas de quilômetros de linhas de vapor (tubulações) nos campos de petróleo da região do Vale do Açu no RN. A substituição do produto industrializado pelo ancestral artesanato de carnaúba gerou uma economia a Petrobrás entre 20% a

⁹ O alumínio utilizado como envoltório nas tubulações recebe o nome de manta ou folhas e tem a função de manter a alta temperatura na parte interna destas tubulações.

¹⁰ Espécie de cordas achatadas feitas por meio de um entrelaçado de fibra da palha; têm a função de corda.

¹¹ Há outras experiências exitosas com o uso de fibras vegetais como isolante térmico, como é o caso da fibra de sisal, conforme pesquisa realizada na UFRN (NEIRA, 2005).

30% na manutenção dos dutos. Em 100 km de dutos revestidos consegue-se uma economia de R\$ 3,7 milhões.

A seguir, apresentaremos alguns dados que ajudam a caracterizar o grupo de artesãs investigado. São dados referentes à idade, à escolaridade, à fase da vida em que aprendeu e a quem lhes ensinou a trabalhar com o artesanato, além do significado dessa atividade em suas vidas. Para construção do quadro, realizamos entrevistas semiestruturadas com as artesãs a partir das seguintes perguntas: qual a sua idade? Você estudou até que série? Com quem aprendeu o artesanato de palha de carnaúba? Qual a importância do artesanato em sua vida? Esse foi o primeiro conjunto de informações que sistematizamos e que serviu para a realização das entrevistas com o grupo.

Quadro 3: Quadro do perfil do grupo de artesãs

Idade	Escolaridade	Fase da vida em que aprendeu	Quem ensinou	Significado do artesanato em sua vida
44	4ª série	Adulta	Mestre Artesã	Um meio de sustento.
48	5ª série	Infância	Mãe	Que viver do artesanato é bom.
36	5ª série	Infância	Mãe	Comprar coisa para mim.
61	Semialfabetizada	Infância	Mãe	Meio de sustento.
30	3ª Série	Infância	Mãe	Manter a família.
25	Cursando o Pró Jovem	Infância	Mãe	A viver.
42	Analfabeta	Infância	Mãe	Não soube responder.
35	3ª Série	Infância	Irmãs mais velhas	Ter um ganho, um meio de sustento.
62	Analfabeta	Infância	Avó	Não soube responder.
42	2ª Série	Adulta	Mestre Artesã	Um ofício para sustentar a família.
46	Analfabeta	Adulta	Amiga	Não respondeu.
71	2ª Série	Infância	Sozinha	Trabalhar com prazer.
45	Analfabeta	Infância	Mãe	Atender as pessoas. Comporta-se em qualquer ambiente. Vestir-se de forma certa. Conheceu outros lugares.
40	5ª Série	Infância	Mãe	Aprendi a ensinar outras pessoas.
42	6ª Série	Adulta	Mestre Artesã	Disse não saber responder.
49	3ª Série	Infância	Mãe	Manter a família.
69	4ª Série	Infância	Mãe	Ensina outras mulheres há

				muito tempo.
42	1ª Série	Infância	Mãe	Manter a família.
42	4ª Série	Adulta	Mestre Artesã	Manter a família.
44	4ª serie	Adulta	Mestre Artesã	Um meio de sustento
47	4ª Série	Infância	Mãe e avó	Manter a família.

Fonte: O autor (2009)

Pelo quadro acima, constatamos que a maioria das entrevistadas tem o ensino fundamental incompleto. Das 21 artesãs do grupo, 15 aprenderam o artesanato ainda na infância – entre 6 e 10 anos. A maioria aprendeu com as suas mães e avós, porém há casos em que o pai ou o avô orientaram quanto às técnicas artesanais. As demais que adquiriram o conhecimento artesanal com a palha de carnaúba aprenderam na fase adulta e por curso oferecido pela Petrobrás, curso que contou com os ensinamentos de duas artesãs da própria comunidade. O significado do artesanato para estas mulheres encontra-se em principalmente como um meio de sustentar a família.

Há duas mulheres no grupo que exercem liderança, para estas o artesanato é um ofício que possibilita além do ganho material, conquistas no aspecto social e educacional. São naturais da comunidade rural do município de Upanema chamada de sítio Pereiro, de onde também vieram muitas famílias artesãs moradoras do assentamento. Antes de receberem suas terras no assentamento, essas famílias lidavam com a agricultura num sistema de meeira¹² ou trabalhavam como empregados.

As artesãs antes de se mudarem para o assentamento rural viviam situação análoga à descrita acima. Em outras localidades do município de Upanema onde moravam no período anterior à vinda para o Palheiros III, era prática comum a produção artesanal de esteiras, chapéus, bolsas, etc., dividida com o dono da terra, ou seja, trabalhavam no sistema de meeira. As artesãs recebiam a palha do proprietário dos carnaubais ou do atravessador e, ao final, todo o material produzido era vendido nas feiras e bodegas. A quantia gerada com a venda do artesanato era dividida em partes iguais entre as duas partes envolvidas na transação, sem contar que o pó extraído da palha não pertencia ao artesão, mas ao atravessador ou ao fornecedor da palha.

¹² Sistema em que o agricultor trabalha em terras que pertencem a outrem e reparte com o proprietário da terra todo o fruto de sua produção.

3.2 FUNÇÕES E SENTIDOS DO ARTESANATO NO PALHEIROS III

O artesanato com a palha da carnaúba no assentamento Palheiros III é um trabalho tipicamente feminino e cumpre, dentre outras funções que serão mencionadas ao longo desta exposição, o papel de inserir a mulher na cadeia produtiva. Realiza-se no interior das casas de cada artesã, embora eventualmente possa ser realizado na casa de uma parenta ou vizinha, também artesã, quando ocorre aumento da demanda. Nesses momentos, dizem elas, “é necessário varar a madrugada”. Uma constatação feita no campo obrigou-nos a mudar nossa percepção sobre o trabalho artesão: não há espaço comum de convivência para sua realização como imaginávamos no início, esperando encontrar uma produção coletiva e simultânea dos produtos artesanais.

As artesãs têm o artesanato como segunda atividade, pois a agricultura é a principal atividade da família. O artesanato se apresenta como alternativa à lida no campo e constitui-se num meio para assegurar o reconhecimento do lugar da mulher na comunidade. O *status* de artesã lhe concede algum lugar de destaque na comunidade, embora isso não se dê por parte dos homens, os quais não reconhecem sua autonomia tampouco o direito delas à emancipação, conforme seus relatos.

Cabe à mulher, quando não está envolvida com a agricultura, o papel de ficar em casa, cuidando dos filhos, fazendo esteiras com a palha da carnaúba, ensinar às filhas a técnica artesanal; seu espaço é privado e seu trabalho à sombra, resguardado na segurança da casa. Raramente as vemos andando pela extensa e única “avenida” do assentamento, a não ser por ocasião de alguma celebração religiosa na comunidade.

Quando dizemos que elas são agricultoras que trabalham com o artesanato, e não artesãs que também fazem agricultura, isto pode parecer estranho. Todavia, revela a face verdadeira de uma realidade quase sempre idealizada em olhares “estrangeiros”. O artesanato, para quem não o vivencia, costuma ser visto de forma bastante romântica. A mídia, principalmente, é responsável por apresentar essa visão, não só da atividade como também do artesão, comumente como baluarte da tradição e alguém altamente sensível à reprodução das práticas aprendidas ao longo de gerações.

No caso em análise, a realidade é bem outra. As mulheres têm a produção artesanal, sobretudo de esteiras feitas da palha da carnaubeira, como uma estratégia complementar de sobrevivência que lhes foi ensinada pelos seus ascendentes. Por essa razão, não se assumem como artesãs, como profissionais dessa atividade, mas como agricultoras que necessitam de complementação de renda para o sustento da família. O artesanato da carnaúba, para esse grupo, é uma atividade que contribui para suprir necessidades básicas dos artesãos e, ao mesmo tempo, ajuda a perpetuar a cultura material do uso da palha da carnaúba naquela comunidade. No caso do assentamento Palheiros III, a produção de esteiras de palha de carnaúba é estrategicamente um trabalho que pode ser realizado à sombra, sem a necessidade de exposição ao sol.



Fonte: SEBRAE (2010)

Por serem originárias de famílias de agricultores, as artesãs, assim como seus ascendentes, já experimentaram as consequências das calamidades provocadas pelos períodos de seca no semiárido. Pais, avós ou a própria artesã já sofreram devido à escassez ocasionada pela falta de chuva na região em que moravam ou residiam. Em razão disso, ouvimos vários relatos do trabalho árduo ao qual a artesã e seus parentes foram submetidos nas Frentes de Emergência¹³: “O

¹³ Na última seca, em 1993, aproximadamente 11,7 milhões de pessoas foram atingidas e 2 milhões se inscreveram nas frentes de emergência. As frentes eram contratações temporárias de agricultores

sol castigava, pois tinha que cavar açude, de manhãzinha até o fim da tarde. A comida que levava era uma rapadura com farinha” (ARTESÃ 2).

Diante das dificuldades financeiras experimentadas ao longo da vida, da dureza e, por vezes, do baixo rendimento ou mesmo dos prejuízos com a agricultura, principalmente por causa da escassez de chuvas ou de períodos prolongados de seca, o trabalho artesanal feito em casa, portanto, “à sombra”, como dizem elas, “dá mais resultado” e pode ser feito “na minha hora”.

O relato de uma das entrevistas é muito expressivo quanto a essa questão. Ela diz ter trabalhado durante 35 anos num matadouro, como tratadora¹⁴ de “bucho de boi abatido”¹⁵. Nesse primeiro e mais pesado trabalho, afirma não ter conseguido quase nada em dinheiro, “nem pra comprar um pinto”, enquanto com o artesanato, em menos tempo, “comprei minhas coisinhas pra casa e umas cabeças de ovelha” (A48). Outros depoimentos ilustram a importância econômica do artesanato na vida das entrevistadas.

[...] é através da palha que nós temos trabalhado, assumido a nossa responsabilidade de ajudar o nosso companheiro (ARTESÃ 2).

Todo dia fazia mais mamãe pra gente dar de comer aos irmãos com o dinheiro de esteira (ARTESÃ 3).

[...] nós ajudamos muito nossos irmãos a alimentar... Eu ajudava minha mãe, nós chegamos a acordar até de madrugada pra ajudar ela fazer as esteiras e ganhar o pão de cada dia e, depois que nós chegamos aqui, as coisas melhoraram também (ARTESÃ 5).

Eu cansei de sair daqui com palha debaixo do braço pra voltar pra casa de três horas da madrugada. Mas porque nesse tempo só era o meu ganho que assumia a responsabilidade da bodega (ARTESÃ 7).

O trabalho está, assim, presente no cotidiano dessas mulheres também como princípio organizador e estruturante de si mesmas. A atividade artesanal não possui, nesse caso, a função precípua de preservar um saber e reproduzi-lo, no sentido de uma tradição, mas de complementação da renda familiar, conforme já ressaltado. Todavia, outras funções são igualmente identificadas, além de afirmar a mulher perante seu companheiro e sua família e, em decorrência, a comunidade.

e agricultoras em situação crítica devido à estiagem. Tinham de trabalhar 27 horas semanais em obras públicas, como a construção de açudes e estradas.

¹⁴ Função exercida principalmente por homens em abatedouros nas cidades do interior do Nordeste, na qual o tratador retira todas as vísceras dos bovinos abatidos e faz sua limpeza utilizando água fervida.

¹⁵ O bucho é a parte interna do animal, são as vísceras do bovino que foi abatido.

Estamos aqui trabalhando, fazendo esteira, eu gosto muito de trabalhar, de fazer esteira para ganhar o nosso dinheirinho, sabe? Não ser muito dependente de marido, pra quando nós precisar, nós ter. (ARTESÃ 4).

É através da palha que nós temos trabalhado, assumido a nossa responsabilidade de ajudar o nosso companheiro. (ARTESÃ 5).

Essa afirmação da mulher pode também ser ilustrada pelo prazer que, segundo elas, o artesanato lhes proporciona, conforme ilustram os seguintes depoimentos.

Eu tenho prazer em trabalhar, por isso que eu só trabalho contente, toda vida que você chegar aqui eu estou de um jeito só, é todo tempo rindo, conversando com as pessoas. (ARTESÃ 2).

[...] também essas pessoas que não tem nem conhecimento com o trabalho, como as pessoas do sítio, né? Eles acham que trabalho é só trabalho, não acham que trabalham por prazer [...] muita gente já sabe o desenvolvimento que tem o trabalho e trabalham por prazer, mais muita gente ainda não sabe, muitas pessoas que estão começando, né? (ARTESÃ 2).

Tô muito alegre. Minhas costas doem [...]. Sento um pedaço e começo de novo (ARTESÃ 3).

Eu só sinto dor nas costas quando eu vou apanhar feijão, num sendo, faço esteira o dia todinho que eu não sinto dor nas costas não. (ARTESÃ 7).

Eu sinto muita dor nas costas, eu faço porque tenho prazer em fazer, mas eu sinto muita dor nas costas, mas faço. (ARTESÃ 11).

É significativa a relação que estabelecem com a dor física e o prazer do trabalho, com o sacrifício feito em vários momentos e a compensação advinda do trabalho.

[...] porque gostava de trabalhar junto com as amigas. Muitas vezes, a gente saía de seis horas da noite e trabalhava a noite todinha e, às vezes, eu chegava de quatro horas da madrugada, cinco horas. Só trabalhando e fazendo esteira, quando uma cochilava, a outra ia e animava [...]. E assim nós íamos chegando e amanhecia o dia (ARTESÃ 11).

Durante o dia a gente ia fazer as coisas de casa [...]. Num ia mais se preocupar com esse trabalho [...]. Porque a gente só ia fazer de noite (ARTESÃ 10).

Os dados empíricos até aqui apresentados permitem-nos inferir como o trabalho artesanal, apesar de não ser o principal meio de sobrevivência da população investigada, está fortemente vinculado aos processos de constituição do

ser feminino naquela realidade. Vamos, a seguir, dar continuidade à análise dos dados que nos permitem ampliar nossa compreensão da relação entre o artesanato da carnaúba e o ser artesão em Palheiros III.

O artesanato obedece a uma lógica de reprodução de uma cultura motivada por ordens materiais, voltada para a sobrevivência, por exemplo, funcionando, às vezes, como uma estratégia eficiente para garantir o sustento das famílias ao longo das gerações, principalmente em período de escassez de algum recurso. Nessa situação, se um artefato é produzido, pode ser prontamente trocado por alimentos ou outro gênero essencial ou simplesmente ser vendido no mercado, na feira, por exemplo. As motivações são de ordem material, mas é a cultura que cria condições relacionais de atendimento das necessidades do grupo. Sobre a complexidade da cultura, lembra-nos Morin (2004, p.77) que

É no encontro com o seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca do futuro melhor deve ser complementar, não mais antagônica, ao reencontro com o passado. Todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, no qual projeta aspirações e esforços.

Constatamos que o artesanato com a palha da carnaúba é uma forma de inserção da mulher numa atividade produtiva menos desgastante que a agricultura. Ao exercer esse trabalho, a mulher participa de duas realidades simultâneas: sua produção contribui para manter a tradição e costumes dos seus antepassados ao mesmo tempo em que configura uma estratégia de sobrevivência num ambiente de recursos escassos.

As artesãs com as quais convivemos durante nosso processo de pesquisa têm o artesanato como segunda atividade, pois a agricultura é a principal. O artesanato se apresenta como alternativa à lida no campo. Pode-se até afirmar que o trabalho (o artesanato é um deles ou o mais atrativo) é uma exigência tanto para a própria existência delas quanto para serem aceitas em seu meio. Na condição de artesã, elas passam a ter um tipo de reconhecimento mínimo da comunidade, embora isso não se dê por parte dos homens, os quais não reconhecem sua autonomia nem tampouco o direito delas a uma emancipação, conforme seus relatos.

Cabe à mulher, quando não está envolvida com a agricultura, o papel de ficar em casa, cuidar dos filhos, fazer esteiras com a palha, ensinar às filhas a técnica artesanal, ensinar o lugar da mulher no seu grupo social. O seu espaço é privado, é à sombra, protegido pelo espaço da casa. Raramente as vemos andando pela extensa e única rua do assentamento, a não ser por ocasião de alguma celebração religiosa na comunidade.

Não se assumem como artesãs, como profissionais dessa atividade, e sim como agricultoras a quem, por necessidade de obtenção de renda para o sustento da família, foi ensinada a técnica artesanal desde a infância. O objetivo dessa educação para o trabalho é reproduzir um conhecimento técnico para a fabricação de bens de uso e, em épocas de precisão, ter o que vender ou simplesmente trocar por alimentos.

O trabalho está presente no cotidiano das artesãs como o princípio organizador da vida dessas mulheres. Não é a atividade artesanal como um saber e reprodução de uma tradição que é importante e dá sentido ao grupo, mas como um meio necessário e útil ao sustento das famílias.

3.2.1 Artesanato e condição feminina

Apesar de o artesanato não ser a principal atividade econômica das famílias do assentamento Palheiros III, desempenha importante papel na construção da identidade das mulheres que ali vivem. É por meio do aprendizado dessa técnica, iniciada na infância com a participação nos círculos de produção artesanal da família, dá-se o primeiro contato da criança do sexo feminino com a construção da identidade de mulher e artesã.

As lembranças do primeiro aprendizado, na infância, a convivência com os adultos, os encontros com familiares e os primeiros movimentos à procura de objetos ou de inclusão no meio de adultos aconteceram pelo contato com o ambiente de trabalho. Assim, multiplicam-se as narrativas que dão conta dessa experiência da criança com o aprendizado do trabalho:

Mamãe fazia para vender as esteiras e eu dizia 'mamãe, me ensine!' E ela dizia: 'não, eu não tenho paciência de ensinar não e nem tenho tempo'. Aí meu pai de noite tava despreocupado e dizia: traga as palhas que eu ensino. (ARTESÃ 8).

[...] “Faça aqui menina um ‘tamanho’¹⁶ que eu estou aperreada [...]. Enquanto eu faço aquele arroz!” (dizia a mãe para as filhas). Aí elas vão fazendo e aprendendo, tão aí no meio da casa. Não tem outra coisa e eu não vou botar minhas filhas pras casas [...]. Boto de jeito nenhum, vamos trabalhar em casa. Amanhã ou depois acontece alguma coisa e vão dizer: é porque a mãe não cuidou? Elas estando em casa, embora sejam ruins, mas estão na minha frente. (ARTESÃ 12).

Comecei a trabalhar com sete anos de idade junto com a minha mãe, minhas irmãs e hoje continuo fazendo trança e esteira. (ARTESÃ 3).

Olhe, eu nasci e me criei fazendo esteira. Fazia louça, fazia chapéu [...]. Eu não tô fazendo porque não tem barro, porque não tem por aqui, se não, eu já tava fazendo (ARTESÃ 7).

Muitos dos relatos que trazem as primeiras experiências com o trabalho artesanal mostram a figura da mãe ou da avó ensinando a filha a entrançar a palha para produzir algum artefato. Quando as artesãs falam de si, dizem sempre ter tido curiosidade para aprender, por isso procuravam copiar os adultos naquele tipo de ação. Segundo Jovchelovitch (2008), para conhecer um objeto, a criança precisa revesti-lo de “emocionalidade”, pois o desejo de saber é central na infância e pode ser visto claramente na intensidade da ação simbólica criativa, lúdica e construtiva da criança.

Para as famílias de origem, era preciso proporcionar aos filhos e às filhas o aprendizado de um ofício que lhes desse o mínimo de garantias, não só de contribuir com o sustento da família, mas também de adquirir algum conhecimento prático com chances para “ganhar a vida”.

As crianças das famílias pesquisadas, principalmente as mulheres, foram, dessa forma, iniciadas na execução de um trabalho considerado útil e providencial para a família, reproduzindo, por meio de um sentido prático do mundo, as mesmas experiências de suas mães. Esse trabalho, essencialmente manual, é responsável pela continuidade de uma estratégia de sobrevivência aplicável a qualquer época e realizável no próprio ambiente doméstico. Transforma-se a natureza bruta e morta (a palha) em produto que, não raramente, assegura a vida dos membros da família.

Do exposto, pode-se perceber que as mulheres se organizam em torno da produção artesanal e fazem dela um objetivo imediato e futuro. Este se mostra quando se trata de pensar num trabalho que possa ser executado no ambiente doméstico, incluindo também a participação das crianças e assegurando o papel

¹⁶ Nome dado pelas artesãs à medida equivalente a 1 metro, geralmente toma-se como referência um pedaço de madeira desse comprimento e que serve de base para tamanho das tranças de palha.

materno relacionado à sua proteção e ao cuidado. O artesanato cumpre, dessa forma, não só a função complementar de garantir a existência material do grupo familiar, mas também de reproduzir a divisão do trabalho entre os gêneros e a estruturação familiar baseada na dominação masculina.



Fonte: O autor (2011)

É pelo artesanato que a divisão social do trabalho se reproduz no assentamento. O bem material presente na obra pronta vira mercadoria, um objeto externo, segundo Marx citado por Grespan (2006), uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de algum tipo. Quando os primeiros habitantes das nossas terras utilizavam fibras vegetais, barro e outros elementos da natureza para fabricar utensílios, havia uma motivação vinculada ao seu uso imediato no cotidiano indígena. Com os jesuítas, no Nordeste, a produção de cordas e outros utensílios a partir da fibra da carnaúba passou a ser visto como uma oportunidade comercial para esses religiosos, ganhando, assim, outro status. Como chama a atenção (MARX, 2006, p.14):

Cada coisa útil, como o ferro, papel etc., deve ser considerada de um ponto de vista duplo, conforme a quantidade e a qualidade. Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e pode ser útil, por isso, em

diversos aspectos. Descobrir esses diversos aspectos e, daí, as múltiplas formas de uso das coisas, é um ato histórico, assim como o de encontrar a medida social para a quantidade das coisas úteis. [...] A utilidade de uma coisa converte-a em valor de uso. Mas essa utilidade não paira no ar. Condiçãoada pelas propriedades do corpo das mercadorias, ela não existe sem o mesmo. Por isso, o próprio corpo das mercadorias é um valor de uso ou bem [...] o valor de uso só se realiza no uso ou consumo. Valores de uso constituem o teor material da riqueza, qualquer que seja a sua forma social.



Fonte: O autor (2011)

De igual modo aconteceu com a esteira feita com palha de carnaúba, a qual, por um período de mais de um século, teve um valor de uso fundamental para a economia nordestina, sobretudo nos séculos XIX até o último terço do século XX, atravessando, inclusive, um período de baixa procura dos produtos manufaturados com essa fibra (BRASIL, 1942). Nessa comunidade específica e em meados de 2007, foi que ganhou novamente força a demanda pela esteira, agora aplicada à indústria de alta tecnologia do petróleo, como já nos referimos anteriormente, no capítulo II.

Marx (2006) afirma que, no valor de uso de qualquer mercadoria, está contida uma determinada atividade produtiva adequada à sua finalidade ou a um

trabalho útil. No caso das esteiras feitas de palha de carnaúba, constatamos que dois momentos são marcantes para essa mercadoria. Na região do semiárido do RN, por muitas décadas até o ano de 2003, a esteira era apenas uma mercadoria que atendia ao consumo interno daqueles que a produziam e à comercialização ou à troca no mercado como bem de uso doméstico. Com a descoberta de seu uso como material impermeabilizante para fins de proteção de tubulações da Petrobrás mudaram-se o valor de uso dessa mercadoria e a própria relação de produção nela presente. Lembremos que o valor de uso só se realiza neste ou no consumo e que constitui o teor material da riqueza, independentemente de sua forma social (MARX, 2006). Com essa nova roupagem, a esteira passou a ser produzida obedecendo-se a um modelo de produção em série a uma exigência de alta produtividade por parte das artesãs. O que antes era produzido ao tempo do artesão, passa a ser feito sob a demanda de uma empresa multinacional que é a Petrobrás. O artesão passou a ser confundido com o operário na linha de produção. No entanto, não importa qual será a finalidade da esteira produzida, se para uso no interior das residências rurais ou para a indústria de petróleo, em ambos os casos, a mercadoria atua como valor de uso; não se altera a relação entre a esteira e o trabalho que a produziu.

Para o autor supracitado, o trabalho como formador de valores de uso, como trabalho útil, é uma das condições de existência do homem. Em qualquer forma de sociedade, haverá a eterna necessidade natural de mediar o metabolismo entre o homem e a natureza, ou seja, a vida humana. Tomando o exemplo da esteira de carnaúba como mercadoria, o corpo desta contém dois elementos: matéria natural e trabalho (MARX, 2006). Ainda como qualquer outra atividade produtiva, o artesanato envolve o dispêndio produtivo de cérebro, músculo, nervo, mão humana, havendo, dessa forma, em todas, trabalho humano.

As mercadorias apresentam-se ao mundo na forma de valores de uso, ou corpos de mercadorias [...]. Elas são mercadorias, contudo, apenas como algo duplo, objetos de uso e ao mesmo tempo portadores de valor. Elas aparecem como mercadorias ou possuem a forma de mercadorias, portanto, apenas na medida em que possuem forma dupla, forma natural e forma de valor. (MARX, 2006, p. 32).

Sejam as lembranças do primeiro aprendizado, na infância, sejam a convivência com os adultos, os encontros com familiares, os primeiros movimentos à

procura de objetos ou de inclusão no meio de adultos, tudo se dá via contato com o ambiente de trabalho. Assim, multiplicam-se as narrativas que dão conta dessa experiência infantil com o aprendizado do trabalho.

O acesso ao mundo adulto ocorre pela participação em círculos de produção artesanal com a família. A identidade da artesã começa a ser desenhada ainda na infância por meio do trabalho.

Enquanto processo psicossocial, a construção de uma identidade é um modo de organizar significados que possibilitam à pessoa se posicionar como ator social. Uma identidade fornece os meios de organizar a experiência, o que contribui para a definição do Eu, mas o faz dando ao Eu um lugar no Mundo” (DUVEEN, 2008 apud Jovchelovitch, 2008, p.82).

Segundo Jovchelovitch (2008, p.130), o que vemos no desenvolvimento das representações sociais é que na

construção do Objeto pela representação simbólica – que se apresenta como Outro e mundo para o sentido emergente de Eu na criança – é, ao mesmo tempo, um processo cognitivo, afetivo e social. O conhecimento da criança do objeto-mundo não emerge, e na verdade não pode emergir como cognição desapaixonada; a energia inerente à construção de todas as estruturas cognitivas e a consolidação de todo conhecimento provém do desejo da criança pelo objeto-mundo, do desejo pelo social.

Assim, muitos dos relatos que trazem as primeiras experiências com o trabalho artesanal mostram a figura da mãe ou da avó ensinando a filha a entrançar a palha para produzir algum artefato. Quando as artesãs falam de si, sempre dizem que tinham curiosidade para aprender, que queriam copiar os adultos naquela ação.

Algumas meninas tiveram o pai como mestre artesanal: “Aí meu pai de noite tava despreocupado e dizia: traga as palhas que eu ensino” (A2). Segundo Jovchelovitch (2008), para conhecer o objeto, a criança deve revesti-lo de emocionalidade: deve haver desejo de saber. O desejo de saber é central na infância e pode ser visto claramente na intensidade da ação simbólica criativa, lúdica e construtiva da criança.

Aqueles adolescentes que não apresentavam desempenho satisfatório na escola ou que, por algum motivo, não cumpriam seu papel de estudante, recebiam punição materna que lhes obrigava a trabalhar em vez de estudar: “De tanto receber reclamação de professor, pois agora vocês vão trabalhar pra saber o que é bom. Aí hoje eles dizem: ‘Ah, mamãe me arrependi tanto” (ARTESÃ 7). Em diversas

narrativas, o trabalho, tido a princípio como prazeroso, “eu gosto de trabalhar, estou sempre contente” (A09), é realizado porque “é o jeito” (ARTESÃ 2).

Nessa mesma linha de raciocínio, notamos que a ideia de prazer, que aparece associada ao processo de aprendizado do ofício de artesã, encontra-se presente também quando o assunto é o trabalho. Dessa forma, o mesmo sentido de prazer aparece quando falam da atividade com o artesanato. No entanto, não foi isso que se comprovou ao longo da pesquisa: ao contrário, a identificação do trabalho com esforço e sacrifício é o sentido que se encontra presente no grupo.

O papel da mulher artesã no Palheiros, suas condições sociais, bem como o processo de dominação lhe são sutilmente ajustados, ao longo das gerações por meio da prática artesanal e da sua reprodução. Esta não só lhe possibilita um conhecimento técnico, como demarca o seu lugar no arranjo familiar e dentro do espaço físico do assentamento rural.

A artesã 3 ratifica a informação de que a confecção de esteira é uma atividade presente na vida feminina desde a infância e de que ela manifesta a divisão do trabalho pelo gênero:

[...] Eles são pequeninhos, eu não vou mandar eles pra pedreira que eles não sabem tirar pedra, tenho medo deles se cortarem. As meninas vão arrumar a casa, tá a esteira pra fazer. Os meninos é andando [...].

Pesq.: As meninas fazem esteira? Quem ensinou?

Elas cresceram foram vendo, eu fazer [...] termina aqui esse tamanho enquanto olho o arroz! Aí elas vão fazendo, aprendendo e me ajudando. Não tem outra coisa! Eu não vou botar minhas filhas pras casas, boto de jeito nenhum! Vai trabalhar em casa! Se não depois acontece uma coisa é porque a mãe não cuidou.

O tipo de trabalho dessas mulheres no ambiente doméstico e as motivações particulares para que a atividade artesanal tivesse acontecido e se perpetuado ao longo de gerações de agricultoras contribuem para educar a mulher e mostrar seu lugar perante o homem.

3.2.2 O *ethos* para o trabalho

Pela observação e pelas entrevistas, podemos perceber que a relação com o artesanato e a divisão social do trabalho entre as artesãs se processam seguindo uma lógica de reprodução da atividade artesanal, o que foi validado pela análise de

conteúdo das entrevistas. O fator preponderante nessa lógica é a necessidade das famílias artesãs de terem indivíduos aptos a produzir desde a fase da infância com vistas ao sustento familiar. Essa organização do grupo baseada num *ethos* de educação para o trabalho e as contradições a esse respeito quando ouvimos as artesãs falarem é, para nós, fatores que geram identidade entre esse grupo. O conhecimento comum produzido pelo grupo oferece “os nós associativos que geram a experiência de pertença”.

Ao falar de pertença à comunidade, como esse laço se processa e a importância que têm na reprodução das práticas de um grupo, Jovchelovitch (2008, p.137) afirma que “narrativas individuais e narrativas comunitárias são entrelaçadas de tal modo que, quando a história, os acontecimentos, as formas culturais e as maneiras de se comportar de toda uma comunidade”.

É preciso proporcionar aos filhos o aprendizado de um ofício que lhes dê o mínimo de garantias de, não só contribuir com o seu trabalho para a família, mas de ter um conhecimento prático que lhes dê chances de “ganhar a vida” com seu trabalho. O artesanato se mostra como uma escolha que é feita pela família, mas nem ela tem clareza das razões de introduzir as filhas nesse trabalho. Rousseau (2004) faz uma provocação a respeito das reproduções sociais que são recorrentes e não requerem a consciência dos sujeitos que as fazem:

Será que é a natureza que leva os homens para tão longe de si mesmos?
Será que ela quer que cada homem conheça seu destino pelos outros, e algumas vezes seja o último a conhecê-lo, de modo que tal homem morra feliz ou miserável, sem jamais ter sabido nada a seu respeito?
(ROUSSEAU, 2004, p. 79).

Assim, as crianças são destinadas ao tipo de trabalho considerado útil e providencial para a família e que é uma reprodução daquilo que suas mães já passaram. É um tipo de ocupação que lida diretamente com a transformação da natureza bruta e morta (a palha) em produto que, não raramente, em garante a vida dos membros da família em tempos de crise de recursos financeiros.

As mulheres se organizam em torno da produção artesanal e fazem desta, seu objetivo imediato e futuro, quando se trata de ter um trabalho que possa ser executado no ambiente doméstico e que inclua as crianças. Os saberes que envolvem a técnica artesanal e a necessidade de continuidade desse tipo de trabalho se apresentam na vida cotidiana como algo dado, como um conjunto de

sentidos e recursos já ali existente dos quais aqueles que fazem a comunidade retiram suas normas, regulamentos e padrões de comportamentos, baseiam sua prática naquilo que é aceito e esperado pela comunidade.

Nesta atividade, temos, de um lado, artesãs que têm contato com a atividade a partir da tradição familiar, de outro, as que aprenderam o novo ofício para fortalecer a renda da família ou mesmo ter a sua própria. Em ambos os casos, independentemente da motivação para o trabalho, a tradição ancestral é reproduzida às novas gerações. Quanto à importância da tradição, lembra-nos Morin (2004, p.77):

É no encontro com o seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca do futuro melhor deve ser complementar, não mais antagônica, ao reencontro com o passado. Todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, no qual projeta aspirações e esforços.

Suas práticas artesanais atendem às seguintes finalidades: manter viva a tradição e proporcionar a inserção de novos atores em atividade de trabalho. Se de um lado temos aquelas artesãs que dão sequência às práticas de seus ancestrais na confecção de peças artesanais à base de palhas e talos da carnaúba, de outro, um novo grupo se forma a partir de uma oportunidade de renda, através desse trabalho feito à sombra, para o qual recebe treinamento.

Ser artesã para essas mulheres é a opção que elas têm de subsistir à dureza da vida no sertão, no semiárido nordestino. O artesanato é mais uma atividade da mulher que vive no campo, mais uma tarefa de casa, elas afirmam: *“esteira é o que tem!”*

Nesse contexto, as condições de trabalho foram materialmente sendo alteradas: o que antes era a dureza da lida com a terra passou à sombra dos alpendres de suas casas ou das árvores frutíferas dos seus quintais. A importância do trabalho à sombra revela-se, recorrentemente, nas falas das artesãs. Sem isso, o que lhes resta é cortar varas, roçar mato, plantar lavouras, quebrar calcário nas pedreiras, ou seja, cortar pedra para calçamento, como afirmam.

3.3 A NECESSIDADE DO TRABALHO E O TRABALHO COMO ALGO NECESSÁRIO PARA A ORDEM SOCIAL

A aprendizagem de algo novo ocorre, dentre outros fatores, principalmente por haver uma circunstância que gera uma emergência ou uma oportunidade para o aprendizado. Quando se trata de aprender um trabalho, a situação não é muito diferente, haja vista o grande número de famílias brasileiras que ensinam os primeiros ofícios aos seus filhos ou, simplesmente, exige destes uma atividade para contribuir, ou até mesmo sustentá-las, prática comum no meio rural nordestino. Neste uma grande prole significa também mais gente como mão de obra a serviço.

O imperativo da dureza e a aridez do sertão do Nordeste fizeram, por exemplo, crianças que frequentavam escolas secundárias serem, num piscar de olhos, retiradas de sua rotina pedagógica para “roçar mato e preparar o plantio [...] pasturar o roçado pra passarinho não comer as sementes [...]”. Depois era preciso apanhar algodão [...]” (ARTESÃ 3). As primeiras lições escolares, muitas vezes com poucos recursos ou sem estes, para muitas crianças, propiciavam um momento de prazer de aprender, ou simplesmente oportunidade de conviver num ambiente distante da obrigatoriedade do trabalho. Porém, nesse contexto em que crianças são forças de trabalho, bastava chegar a época de chuva para que a escola fosse interrompida e raramente, o ano letivo era integralmente cumprido.

Em períodos de seca, era necessário empreender em busca de alternativas para a agricultura. Em algumas localidades, comumente, os homens partiam com vistas a vender sua força de trabalho em outras cidades ou estados do Brasil, o restante da família que ficava tinha a obrigação de buscar meios de sustento: “Quando os maridos saíam pra procurar trabalho pelo mundo, as mulheres ficavam fazendo esteira [...]. O homem chegava até a dizer a quantidade de esteiras que queriam encontrar pronta quando voltasse. Tinha mulher que fazia 500, outras até 1000 esteira pra depois vender na feira [...]”¹⁷.

Em outras famílias, diante das mesmas circunstâncias, todos permaneciam e enfrentavam as dificuldades, embora essa situação fosse mais rara. As crianças recebiam lições de como costurar a palha da carnaúba e faziam chapéu, esteira, bolsa (para carregar alimentos), selas para montaria, velas com a cera da carnaúba,

¹⁷ Informação oral de um senhor idoso residente no assentamento.

etc. Parte da produção ficava para o uso doméstico, a maioria dos artefatos era vendida em feiras da região. Estamos nos referindo à produção na região Oeste e no Vale do Açu-RN (QUEIROZ NETO, 2010).

Entendemos o trabalho como elemento central na organização social das artesãs da palha da carnaúba no assentamento Palheiros III. Na infância, as mulheres aprendem a técnica, passando a deter o conhecimento da costura da fibra da palmeira. Seguem transmitindo o que aprenderam às suas filhas quando estas atingem a idade entre 07 e 12 anos. Há, assim, uma continuidade da cultura material embasada na necessidade de perpetuar, nos grupos, um saber da tradição fortemente respaldado por uma estratégia de sobrevivência. O ensino de fabricação de artefato passa a ganhar sentido para que se tenha, ao longo de gerações, um mecanismo de produção artesanal capaz de atenuar os momentos de crise e, até mesmo, de sustentar a família em outros (QUEIROZ NETO, 2010).

É pelo artesanato que a divisão social do trabalho é organizada, o papel da mulher na sociedade é desenhado e as novas gerações são “adestradas” a dar continuidade à produção artesanal. O bem material presente na obra pronta vira mercadoria, que, segundo Marx apud Grespan (2006), é um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de algum tipo. Quando os primeiros habitantes primitivos das nossas terras utilizavam fibras vegetais, barro e outros elementos da natureza para fabricar utensílios, havia uma motivação para o uso imediato no seu cotidiano indígena. No Nordeste, a produção das cordas e outros utensílios com a fibra da carnaúba passou a ser vista como uma oportunidade comercial pelos jesuítas, ganhando assim o artefato outro *status*. Podemos ver, em Grespan (2006, p.14), quanto à mercadoria que:

Cada coisa útil, como o ferro, papel etc., deve ser considerada de um ponto de vista duplo, conforme a quantidade e a qualidade. Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e pode ser útil, por isso, em diversos aspectos. Descobrir esses diversos aspectos e, daí, as múltiplas formas de uso das coisas, é um ato histórico, assim como o de encontrar a medida social para a quantidade das coisas úteis. [...] A utilidade de uma coisa converte-a em valor de uso. Mas essa utilidade não paira no ar. Condiçãoada pelas propriedades do corpo das mercadorias, ela não existe sem o mesmo. Por isso, o próprio corpo das mercadorias [...] é um valor de uso ou bem. [...] o valor de uso só se realiza no uso ou consumo. Valores de uso constituem o teor material da riqueza, qualquer que seja a sua forma social.

Segundo Kamper (1996), a maneira como o trabalho interfere nos processos sociais impede que mantenhamos a visão de polaridade entre trabalho (a duras penas) e vida (como prazer), fazendo-se necessário ter um olhar mais complexo a esse respeito. A vida pode ser encarada com dureza e o trabalho pode trazer algum prazer. A esse respeito vimos entre as artesãs da carnaúba o seguinte comentário: “[...] eu tenho prazer em trabalhar, por isso que eu só trabalho contente, toda vida que você chegar aqui eu estou de um jeito só, é todo tempo rindo, conversando com as pessoas” (ARTESÃ 2).

Sennett (2009) discorre sobre o artesão e o seu trabalho. Defende, entre outros pontos de vista, o método artesanal e a paciência nele presente como o modelo de trabalho ideal para o século XXI, independentemente da área de atuação. Argumenta que a pressa e a agitação do mundo moderno impedem que fatores como bem-estar e saúde sejam prioridades. Quando se refere ao artesão, faz menção tanto ao mestre que faz violinos quanto ao cientista no laboratório ou à equipe que desenvolve *software* Linux, por exemplo.

O artesanato, para o autor está relacionado a uma atividade que é aprendida pela observação, pela prática e pela repetição. Para construir o bem do equilíbrio humano, o valor da qualidade artesanal deverá que ser resgatado e, nessa atividade, o pensar e o sentir estão integrados. A mão e a cabeça não estão separadas, mesmo que a nossa sociedade valorize apenas uma. Ao contrário da visão apresentada por Arendt (2010) quando se refere ao labor, nesse animal *laborens*, como o nome já indica, equipara-se o ser humano a uma besta de carga, o trabalhador braçal condenado à rotina. A autora enriquece a situação imaginando-o absorto numa tarefa que o mantém isolado do mundo. No ato de fazer algo funcionar, nada mais importa; o trabalho é tomado como um fim em si mesmo.

A defesa que Sennett (2009) faz é do processo artesanal não como mero movimento maquinal, braçal puro e simplesmente vazio de cultura; ao contrário, o autor vê a técnica como questão cultural. E, apesar do advento da sociedade industrial, o estilo de vida artesanal não desapareceu e a expressão “habilidade artesanal” continua válida nos dias atuais. A habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bemfeito por si mesmo. Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais.

A fala de uma das artesãs ilustra essa perspectiva do trabalho como momento de aprender e ensinar, além do seu aspecto cultural e educativo:

Mas eu queria aprender, eu tinha curiosidade para aprender, porque eu achava muito bonito. O artesanato está presente em toda a minha vida, e é um negócio que eu faço não só pelo dinheiro, e sim pelo prazer. Tenho prazer em fazer e ensinar. Eu sinto aquela satisfação, você quer aprender a fazer? Então sente aqui perto de mim, tanto faz a hora ou o dia. Às vezes as meninas chegam lá em casa e dizem que querem fazer uma peça com carnaúba para levar pra o colégio. Ai sabe o quê que eu faço? Digo: a noite, vocês venham aqui que eu ensino. À noite elas vão lá e eu ensino a fazer uma pecinha pra levar pro colégio. Porque é muito bom ter uma coisa que você quer aprender, e você tem a oportunidade de aprender, depois você vai passando o que aprendeu para outra pessoa e vai continuando, é como uma família. O artesanato é como uma família, vai passando de geração em geração (A09).

Kamper (1996) desenvolve uma discussão a respeito do que dá sentido à vida humana começando com uma provocação, ao indagar se a vida é trabalho. Há, nas palavras do teórico alemão, uma suspeita de que o trabalho se alastra em todas as demais atividades humanas e abocanha o tempo livre que nestas haveria, tomando conta de toda a nossa vida.

Dialogando ainda com as visões sobre o trabalho de forma geral e sobre uma tendência do trabalho em desrespeitar os limites e tomar conta da nossa vida, Kamper (1996) nos lembra da ambiguidade dessa atividade. Por um lado, o trabalho oferece a dominação; por outro, a servidão. Acontece de oferecer uma graça; em outro momento, representa uma maldição. Na história de várias culturas do passado, há visões que merecem destaque:

A tradição grega e a tradição judaico-cristã entram em consenso inequívoco quando atribuem ao trabalho a função de pena, pena esta que os homens precisam suportar por terem se comportado de modo desmedido, por terem transgredidos as leis. Os deuses gregos não trabalham, o deus dos judeus e dos cristãos trabalha seis dias e descansa no sétimo. No entanto condenam os homens a viver em regime de trabalho, aqui compreendido como uma tortura, como uma dura pena, e isto porque os homens se arrogaram o direito de querer, a pretensão de ser como os deuses, isso que os gregos qualificam de “Hybris”, “ambição desmedida”. (KAMPER, 1996, p.18).

Semelhante situação aconteceu no mito de Prometeu, contado pelo poeta grego Hesíodo. O trabalho é visto, nesse caso, como uma maldição imposta aos homens porque Prometeu, quando roubou o fogo dos deuses, tentou enganar Zeus. Este via na esperteza e na astúcia suas melhores qualidades. Na lenda, os homens

detinham o conhecimento do fogo, mas, por não saberem cuidar desse bem, o fogo lhes foi tirado. Então, Prometeu roubou o fogo dos deuses. Como punição, Zeus condenou os homens a uma vida totalmente dedicada ao trabalho, portanto, uma tortura e um castigo (SENNETT, 2009).

O trabalho assume sobre a sociedade de artesãos do assentamento Palheiros III, um peso tamanho, de sorte que a interação entre a família e a criança causa, por vezes, estranheza.

Numas das vezes em que estivemos no assentamento era feriado nacional de 12 de outubro, quando também se comemora o Dia das Crianças. Naturalmente, é comum presentear crianças nessa data pelas prerrogativas imputadas a elas em nossa sociedade. Dessa maneira, ao chegar ao assentamento Palheiros III, levava comigo alguns presentes para as famílias com as quais estabelecera maior contato durante a pesquisa, dentre elas a de um líder do grupo de artesãs. Ao entregar os presentes, durante o almoço com uma das famílias, uma cena chamou a atenção por revelar como a criança é concebida naquela comunidade. No ato da entrega dos presentes a uma menina de onze anos e a um menino de nove anos, na presença dos pais, as crianças foram interpeladas, depois de agradecerem o recebimento, da seguinte forma: “Pronto, agora deixem guardados nas caixas esses presentes, guardem para dar aos seus filhos [...]” A mãe não dirigiu nenhuma palavra ao menino, nenhuma orientação quanto ao motivo de ele não poder abrir seu presente. Apesar do comentário da mãe, dissemos às crianças para abrir os presentes porque estes tinham sido trazidos por nós para elas. Ambas expressaram um ar de dúvida, mas mesmo assim abriram-nos, apresentando de imediato um sorriso estampado no rosto. Em seguida, a mãe se dirigiu à filha e disse em repreensão, olhando para nossa direção: “Quero ela pra me ajudar em casa e não pra brincar, brincar só se tiver tempo”. (QUEIROZ NETO, 2010).

A cena acima ilustra uma situação em que crianças são reconhecidas como tal, porém o tratamento que lhes é dado se assemelha àquele geralmente visto em relação a pessoas adultas, das quais se espera que tenham no trabalho sua principal ocupação de tempo. Vistos como pequenos adultos, a eles não é oferecido espaço para as brincadeiras. Aliás, no ambiente das casas do assentamento, não existe coisa alguma que lembre a presença de crianças no local.

Isso nos lembra a forma como eram vistas as crianças no período medieval francês, como aponta Ariès (1981). Naquele tempo, elas não eram desprezadas ou

negligenciadas, mas o sentimento de afeição era praticamente nulo, no sentido de consciência da particularidade infantil, uma condição que a distinguia do adulto. Na nossa população estudada, vimos uma situação análoga, em que não há essa consciência do ser criança e de sua peculiaridade desde cedo ela entra na vida social dos adultos, tomando parte de todas as tarefas de trabalho típicas destes.

Diferentemente daquilo constatado em nossas observações, Ariès (1981) indica que, na França, entre os séculos XVI e XVII, começou também a crescer um movimento motivado pelo sentimento de cuidados e afetos, de “paparicação” para com as crianças em todas as realidades sociais, inclusive entre os mais pobres. À época, esses cuidados e afeição foram muito criticados por figuras como Moingtaigne, que via no ato de o adulto se divertir com as crianças com gestos ou palavras infantis o mesmo que comparar crianças a macaco. Nasce, assim, nesse contexto, dois sentimentos em relação à infância.

Naquele dia em que presenciamos a forma como crianças filhas de artesãos são vistas por estas, também observamos, nas dezenas de casas que visitamos ou próximas das quais passamos que não havia nenhuma criança brincando, nem manifestações comemorativas. É necessário sinalizar ainda que poucas vezes visualizamos, nas ruas ou nas casas, as crianças em momentos de brincadeira.

3.4 O TRABALHO E O ARTESANATO

Outra maneira de encarar o trabalho é aquela apresentada por Huizinga (2001) que aborda uma dimensão lúdica, mostrando os limites entre os conceitos de trabalho e jogo e buscando explicar a origem da cultura no jogo, na atividade lúdica. Ao contrário das teses da época, esse autor tentou demonstrar que a cultura tinha suas raízes no jogo, e não no trabalho. Defendia a ideia de que, pelos jogos, é possível manter acesa a memória das origens da humanidade.

Sobre esse aspecto, Kamper (1996, p. 28) acredita que:

Existem estratégias que permitem deter, por um tempo limitado, essa tendência imanente do trabalho a romper as barreiras, a invadir todos os espaços da nossa vida. Mas essas estratégias contrárias ao desenvolvimento do trabalho rumo a uma excrescência não são bem-sucedidas, ela funcionam só por um tempo limitado: pois o trabalho tem uma qualidade, o trabalho e o universo do trabalho tornam homogêneo à força tudo o que é heterogêneo, procurando dissolver tudo o que é heterogêneo, transformando tudo em trabalho, em coisas que têm a forma

do trabalho, e isto significa, em última instância, que o trabalho destrói tudo o que não é como ele.

Nesse sentido, comungamos com a avaliação de Kamper (1996), a qual mostra que o trabalho chega a interferir inclusive nas próprias relações sociais e nas nossas escolhas e prioridades. A intercessão entre a dureza do trabalho e a leveza do lúdico ou do jogo como um desafio da nossa época, quíça impossível, algo a ser discutido, não só filosoficamente, mas no nível das relações práticas de trabalho.

Uma das artesãs que entrevistamos nos descreve seu trabalho de uma forma que merece atenção sob a perspectiva mencionada. Seu relato manifesta a sua impressão sobre a atividade que desenvolve e como se sente:

Hoje eu tenho mais conhecimento, depois que eu vim pra cá eu tenho mais conhecimento, tanto com o trabalho como com as pessoas. Porque eu conheço já muita gente [...] As relações de amizade vão crescendo.

Aqui parece uma família [...]. O segredo é levar tudo na esportiva [...] sempre estou contente. Levo tudo na brincadeira, o trabalho, levo a sério, a convivência na brincadeira.

Trabalhar com carinho, amor, amizade é bom demais; mas você trabalhar só porque você [...]. É aquela estória você não querer um trabalho, [...] Você quer um emprego. Aquelas pessoas que quer só quer um emprego, trabalha porque trabalha e não têm prazer de trabalhar, eu sou o contrário, eu tenho prazer de trabalhar, só trabalho contente, toda hora que a pessoa chegar aqui, eu estou de um jeito só [...]. É todo tempo rindo, conversando com as pessoas [...] (A09).

A declaração acima deixa claro que, para a artesã, o trabalho tem ligação com o prazer e que a convivência com suas colegas é um aspecto positivo da sua atividade. O sentido que essa mulher dá à prática artesanal é de um trabalho que possibilita alegria ao ser realizado.

Interessante notar que, para ela, quem não age assim quer um emprego, e quem tem essa relação com o artesanato “trabalha porque trabalha e não tem prazer de trabalhar”. Apesar das declarações, essa imagem de prazer associada à prática artesã não é comum no restante do grupo. Mesmo por parte daquelas que já desenvolvem a atividade há muito tempo e que são filhas e netas de artesãs não existe essa relação prazerosa com seu trabalho, ao contrário do que imagina o senso comum.

Muitas das artesãs fazem reclamação de dores nas pernas, nas mãos e nas costas, algumas afirmam terem passado por problemas “nos nervos” quando tinham

uma demanda grande de esteira e precisavam trabalhar até a madrugada. O sentido que é atribuído à atividade é de esforço e de obrigação. O sacrifício é inerente ao fazer artesanal, mas, como todo trabalho em que estamos envolvidos, é preciso lembrar, como nos alerta Kamper (1996, p. 36), que:

A nossa vida tem um determinado ritmo e ritmos variados que são, em última instância, ditados pelos nossos corpos. Nós sabemos, hoje, que a partir dos nossos corpos nós não temos condições de fazer tudo, há um tempo ditado pelo próprio corpo, que é quem fornece uma espécie de medida e fixa limites.

Para Sennett (2009), esse artesão em qualquer atividade artesanal que esteja produzindo trabalha com a mão e a cabeça, no entanto, a civilização ocidental tem como característica enraizada uma dificuldade de estabelecer essa relação, de reconhecer e estimular o impulso da perícia artesanal. Compreendemos que, para ganhar habilidade artesanal, faz-se necessário o exercício e que todas as habilidades têm início nas práticas corporais depois, posteriormente o entendimento técnico se desenvolve por meio da força da imaginação.

Para aprender o trabalho artesanal, primeiro a artesã adquire o conhecimento com a mão, pelo toque e pelo movimento observando. O processo de trabalho é incorporado quando, por meio da imaginação, explora a linguagem, que tem como objetivo dar direção e orientação à habilidade corporal.

Ao longo dessa investigação, com a coleta de dados e as observações de campo, vimos nossas hipóteses iniciais serem reformuladas.

A princípio, compreendíamos que o artesanato seria um momento prazeroso de criatividade e satisfação social para essas mulheres, todavia, ao longo da convivência e nas diversas conversas estabelecidas como forma de termos uma melhor impressão da realidade, foi possível perceber que o artesanato era um meio de sobrevivência que poderia ser substituído por qualquer outra atividade geradora de renda. Quer dizer, a prática do artesanato com a carnaúba não é uma predileção daquelas mulheres, de sorte que, desde abril de 2011, algumas se organizaram para atender a uma encomenda de doces para a cidade de Açu, enquanto outras confeccionam vassouras de material reciclável. Vale salientar que essas artesãs estão buscando desenvolver sempre novos produtos independentemente da matéria-prima.

Essas mulheres de hoje, em busca de uma atividade que ajude na sobrevivência da família, acompanharam as primeiras gerações de artesãs, as quais eram agricultoras que também trabalhavam no artesanato com a matéria natural que lhes estava disponível.

A estratégia de sobrevivência adotada, por ser um elemento da elaboração criativa e prática da comunidade, virou conhecimento técnico até ser reproduzido dentro daquela cultura. Tal conhecimento teve início nos sítios que formam o município de Upanema, principalmente no Sítio Pereiro, origem da maioria das famílias que conhecem a técnica artesanal com a palha de carnaúba.

No entanto, há uma marca identitária na prática dessa atividade em especial, um elemento de coesão desse grupo, por ser uma técnica herdada através de gerações por avós e mães e presente no grupo, obviamente aperfeiçoada ao longo dos anos, seja por contingências da própria comunidade – novas obras, inovações, adaptações -, ou por demandas externas. Vale ressaltar, segundo Sennett (2009, p.36), que:

Seria um equívoco imaginar que, pelo fato de as comunidades artesanais tradicionais transmitirem as habilitações de uma geração a outra, essas habilitações terão sido fixadas de maneira rígida; em absoluto. A olaria antiga, por exemplo, mudou radicalmente quando entrou em uso o disco de pedra rotativo ao qual era afixado um bloco de argila; daí surgiram novas maneiras de moldar a argila [...]

Para a maioria de nossa população investigada, o trabalho é visto como forma de castigo, punição:

Pesq.: Mas trabalhavam em casa, faziam o quê?

ARTESÃ 5 – Ajudava o pai na roça.

Pesq.: E você acha que isso atrapalhava na escola?

ARTESÃ 5 – Atrapalhava não. Eles não estudaram porque não quiseram. Eu só botei pra trabalhar porque fizeram muita raiva a mim. De tanto receber reclamação de professor, 'pois agora vocês vão trabalhar pra saber o que é bom! Aí hoje eles dizem: 'ah, mamãe me arrependi tanto'.

ARTESÃ 7 – Não, tenho neto. Mas ele é muito trabalhoso, não quer estudar, tem que caçar serviço de trabalhar. Deixou, mulher [...]. Tá por aí bebendo cachaça, ontem passou o dia fazendo raiva a eu [...] ele se juntou com uma mulher, não deu certo, agora veio pra cá ficar mais eu. Tem que caçar serviço pra trabalhar. Não quer estudar, tem que trabalhar!

Pesq.: E a senhora queria que ele estudasse, por quê?

ARTESÃ 7 – Porque daqui uns dias arrumava um serviço pra trabalhar, uma firma, um negócio. Não sabendo nada, vai fazer o quê? Cortar lenha no machado.

Sobre o sentido que as artesãs atribuem à educação formal, constatamos que esta é valorizada em suas falas, embora não corresponda à prática. As crianças não têm tempo adequado para se dedicar aos estudos, sempre envolvidas na lida da vida adulta, nem são orientadas em suas tarefas por adultos, porque seus pais, quase que invariavelmente, são analfabetos. Ao serem questionadas sobre as atividades escolares, responderam que:

Pesq.: Você ajuda? Ajuda a estudar?
ARTESÃ 3 – Eu não sei ler.

As crianças estão “por aí”, como dizem, seja carregando água, tangendo o gado ou arrumando a casa. O trabalho pode ser visto como uma escola para as crianças, uma socialização no meio rural na qual incorporam as regras sociais do assentamento:

Pesq.: E o que a senhora acha dos seus filhos estarem na escola?
ARTESÃ 3 – Até aqui estou achando bom, graças a Deus. Eu queria que eles terminassem os estudos, mas não tomam conselho de mãe, nem de pai.

Pesq.: Tem filho na escola? Já terminaram?
ARTESÃ 5 - Terminaram nenhum. Estudaram, mas nenhum terminou, não. Um ficou na 8ª, outro ficou no 1º, por aí se casaram e desistiram.

Pesq.: Você acha importante eles terem terminado? Por quê?
ARTESÃ 5 – Por que ora? Porque sem estudo [...] A pessoa não tem seu estudo, não tem nada! Não arruma um trabalho, não faz nada. Vai pra onde? Só vai mesmo limpar. Se tivesse estudado [...].
Grupo: Só fica no pesado [...].

Todavia, ao serem indagadas se deixariam o trabalho, essas mulheres hesitaram, trocaram olhares e, por fim, timidamente, revelaram que:

Artesã 6: Acho que não, tendo um emprego, ela vai fazer esteira pra quê?
Pesq.: E se a senhora tivesse outro meio de ganhar a vida, a senhora continuaria fazendo esteira?
Artesã 3: Se eu tivesse outro ganho, eu não faria, não.
Artesã 5 – Eu tava trabalhando por aí, procurando trabalho [...]. Ou aqui mesmo nesse colégio, aí. Eu trabalhei ali 4 anos, na prefeitura, não tinha estudo não pude continuar. Tem o posto de saúde, tudo vai precisar [...].

Se pudessem ter uma atividade com menor esforço físico elas deixariam a dureza do trabalho com esteiras, do qual algumas reclamam pelas dores nas costas. Todavia, normalmente esse tipo de atividade, menos extenuante, exige maior qualificação, maior grau de escolaridade.

Os relatos apresentados até o momento revelam uma realidade cultural do artesão um tanto diferente da visão do ser artesão elaborado por Sennett (2009) e Mills (2009).

Na perspectiva de Sennet (2009), o ser artesão é como um estado de espírito, uma disposição do indivíduo imbuído no processo de criação artesanal, cuja marca é o compromisso com o aperfeiçoamento. Em seus patamares mais elevados, a técnica deixa de ser uma atividade mecânica; as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem. Quanto às recompensas pelo seu trabalho habilidoso, o autor diz que são de dois tipos: as pessoas se ligam à realidade tangível, ao resultado de sua obra, e se orgulham de seu trabalho.

Na abordagem de Mills (2009), o trabalhador, imbuído em seu ofício de artesão envolve-se no trabalho, cuja recompensa é a própria satisfação de vê-lo concluído. Todos os detalhes do dia a dia estão ligados ao espírito do trabalhador, ao produto final, pode controlar seus atos durante a atividade, a habilidade se desenvolve no processo do trabalho, que está ligado à liberdade de experimentar. Por fim, a família, a comunidade e a política são avaliadas pelos padrões de satisfação interior, coerência e experimentação do trabalho artesanal.

Em nossa compreensão, após a investigação realizada, identificamos que o sentido que do artesanato tem para essas artesãs é de uma atividade laboral recebida por herança cultural, adaptada às circunstâncias e legítima, por representar, tacitamente, uma estratégia alternativa de sobrevivência ao longo de décadas. O conhecimento técnico em questão continua a ser reproduzido mais por força de uma disposição inerente à constituição do ser mulher naquele grupo do que por uma questão de manter viva uma tradição.

CAPÍTULO 4 - DIMENSÕES EDUCATIVAS DA PRÁTICA DO ARTESANATO

Após discorrermos sobre o artesão e o artesanato da carnaúba, as funções e sentidos desse artesanato e sua importância na organização social do grupo pesquisado, iremos, neste capítulo abordar seus aspectos culturais e educacionais.

4.1 O ARTESANATO: ALÉM DA ARTE E DO ARTISTA

O artesanato é, essencialmente, uma técnica de construção de artefatos com valor de uso para os indivíduos. Essa técnica pode ser compreendida em nosso tempo como um mecanismo cultural de perpetuação de uma tradição ou como prática social que organiza indivíduos, dando sentido à compreensão que estes têm de sua realidade. Tal mecanismo funciona como um modelador de relações e, ao mesmo tempo, como um elemento motivador de ações humanas. Assim como o artesanato, a educação pode ser compreendida como um conjunto de técnicas que dão sentido à ação humana por meio dos instrumentos empregados e do seu produto final; tem um papel de dar continuidade a valores aceitos e reproduzidos dentro de um espaço social.

Constatamos em nossa pesquisa, por exemplo, que a visão das mulheres artesãs sobre o artesanato está distante de algo que lembre a produção de uma arte de qualquer tipo. O sentido que elas lhe dão é um de trabalho que se tornou necessário, um meio de subsistência, uma técnica centenária de tessitura de fibras naturais desenvolvida há séculos no Nordeste brasileiro.

Esse sentido tem relação com a forma como o faz, não é uma ação isenta de objetividade, ele não age por agir simplesmente, sua ação não é a própria finalidade (como se dá com a *práxis*); ao contrário, o motivador de sua ação é a produção de uma obra ou outro produto qualquer que irá guiá-lo para um objetivo a ser atingido.

Em Rousseau (2004) que a arte ou o artesanato visa a complementar a natureza, podendo substituí-la e reproduzi-la. Em sua obra, ele mostra que a educação é uma arte cujo objetivo é o mesmo da natureza. Para o autor, a arte educativa também deve imitar a natureza, por isso a ênfase que foi dada por ele ao desenvolvimento natural da criança como um método do educador. Afirma ainda que o que não temos ao nascer e de que precisamos nos é dado pela educação, cujas fontes de ao longo da vida são três:

Essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. [...] dessas três educações diferentes, a da natureza não depende de nós; a das coisas, só em alguns aspectos. A dos homens é a única de que somos realmente senhores [...]. (ROUSSEAU, 2004, p.9).

Tanto a concepção grega quanto a defendida por Rousseau (2004), vinte séculos à frente estão enraizadas numa tradição que podemos ver como atrelada a uma educação/arte. Nesse sentido, a ação de quem educa pode ser estreitamente vinculada à atividade do artesão. E este, assim como o educador, exerce uma atividade de alguém que (MILLS, 2009):

- 1) tem uma ideia, uma representação geral do objetivo que quer atingir;
- 2) possui um conhecimento adquirido e concreto sobre o material com o qual trabalha;
- 3) age baseando-se na tradição e em receitas de efeito comprovado específicas à sua arte;
- 4) atua fiando-se também em sua habilidade pessoal;
- 5) guia-se por sua experiência, fonte de bons hábitos, isto é, pelas maneiras de fazer as coisas, e pelos truques comprovados pelo tempo e pelos êxitos sucessivos.

Neste caso em especial, percebemos a importância de compreender a educação como um processo contínuo na história da humanidade. Pode ser materializada pela tradição, por um processo formal para mantê-la viva ou por um conhecimento comunitário ou uma tecnologia que caracteriza por gerações um determinado grupo, como no caso de mulheres que fazem produtos artesanais com a carnaúba. Costumamos exaltar como belo esse aspecto da continuidade da maneira de fazer as coisas oriundas daquela cultura. A educação informal é, pois, meio de transmissão de saberes tácitos e comportamentais.

Podemos também conceber educação como meio de garantir uma determinada ordem social ou prática guiada em suas ações pelos valores presentes nessa ordem, seria uma educação técnica orientada por valores. O que caracteriza as ações educativas é o fato de não haver apoio num conhecimento objetivo que sustente uma realidade social: elas provêm da esfera da subjetividade, isto é, das

normas às quais os atores aderem e dos interesses que eles defendem (TARDIFF, 2002).

A prática educacional, nesse caso, é vista como uma atividade orientadora dos sujeitos, tendo como alicerce regras e interesses incertos que dependem somente dos seres humanos. Quem está conduzindo a ação educativa deve reproduzir uma moral pertinente à sua sociedade e ter domínio de um saber técnico ligado ao fenômeno educacional em que está envolvido. Por exemplo, um artesão que adquire o aprendizado do conhecimento técnico não está dissociado do contexto moral e cultural no qual vive. As regras e os conhecimentos técnicos que permitem entrelaçar e criar um artefato material coabitam com as orientações de condutas esperadas pelo grupo no qual se insere o sujeito.

Outra forma de vermos a educação é como um processo interativo, que só ocorre por meio da interação entre pessoas. No contato com o outro, o processo de discussão com este é o meio pelo qual uma determinada formação acontece, cujo produto pode ser uma competência técnica adquirida. Podemos ainda entender uma interação como toda forma humana de interdependência, cujas ações são orientadas em função uns dos outros.

É bom lembrar que, na ação sobre a natureza (trabalho) e na agressão à matéria para produzir artefatos (a técnica), não são descartadas interações entre os indivíduos. Nesse caso, o objetivo principal é transformar a natureza e produzir um artefato. Trabalho e técnica aparecem como categorias primordiais da atividade humana na construção de uma cultura.

É pela ação educativa que se processam a transmissão e o aprendizado das atividades tradicionais da cultura humana. O agir, o fazer e o sentido daquilo que se faz são norteados por tradições, costumes e práticas de um grupo. A família exerce um papel importante na reprodução dessas práticas sociais do agir tradicional, sendo, concomitantemente, o resultado desse mesmo processo. Há, portanto, uma circularidade nesse agir educativo. Enxergaremos isso, por exemplo, num cenário em que a divisão sociocultural entre o feminino e o masculino é demarcada e reproduzida. Nesse caso, quem educa dá continuidade ao modelo de comportamento esperado e preestabelecido por uma cultura.

Vale lembrar o caso das canções que dão identidade a uma localidade, os ritmos, os artesanatos, as manifestações religiosas ou outra forma de simbolismos. Todas essas manifestações são lembradas amiúde pelo seu valor com bens

materiais ou imateriais que devem ser reconhecidos e obrigatoriamente reproduzidos ao longo de gerações.

Esses produtos dão uma dimensão identitária às diversas culturas, são também tipos de conhecimento técnico que lhes caracterizam. E, como todo conhecimento, incluindo aquele de base científica, tem raízes e está inscrito em um contexto cultural, social, histórico, sendo, inclusive, dele dependente. É através dessa interação cerebral/espiritual entre os indivíduos que as sociedades e as culturas se formam, conservam e transmitem seu conhecimento através de interações (MORIN, 2005).

Em se tratando de prática artesanal, vemos nas artesãs da carnaúba um tipo de conhecimento técnico que é reproduzido e transmitido por meio da técnica de costurar a palha, somente realizável pelas interações entre os diferentes membros daquele grupo. Como processo humano, a criação artesanal passa a ser um valor em si mesmo, resultado de hábitos adquiridos, de práticas e habilidades aprendidas.

Com o artesanato da carnaúba, o processo de aprendizagem fica a cargo das mulheres mais experientes, com o entrelaçado das fitas de palhas dessa palmeira. A interação entre essas mulheres e as mais jovens bem como o conhecimento acumulado por aquelas e sua disposição ao ensino tornam possível a continuidade da tradição.

Sobre a importância do conhecimento baseado na tradição, Almeida e Ramalho (2010a) chama atenção para o fato de a cultura que recebemos hoje ser herança fundada em dois domínios de saberes: de um lado a ciência; de outro, os saberes da tradição.

Ora, dentro de uma sociedade muito particular, como é o caso de um assentamento rural do programa de reforma agrária, onde constatamos um baixo nível de escolaridade entre os adultos, todo o conjunto de informações práticas sistematizadas, ao longo do tempo pelas famílias é reproduzido e ensinado por meio da oralidade e os saberes da tradição estão presentes. O mesmo acontece com as técnicas artesanais com palha de carnaúba, técnica na qual os sujeitos se constroem, pois o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Há de fato uma tríade em circuito entre cérebro/mente/cultura, em que cada um dos termos é necessário ao outro (MORIN, 2004).

Por intermédio dessa interação entre os sujeitos, a cultura e a própria ação cotidiana, encontramos processos educativos que se realizam ao longo da vida

(OSORIO, 2005). A prática do artesanato e o que aprendem no trabalho interferem na forma como as mulheres artesãs agem dentro de sua comunidade, nas relações do ambiente e no jogo de interações de educação permanente.

Essa perspectiva de educação ganhou destaque a partir dos anos 1970 reforçando uma realidade que acompanha a humanidade há tempos, afinal, os seres humanos sempre se depararam com situações que lhes apresentavam a mudança como algo concreto. O homem, como ser inacabado, que é proclamado tanto pela Antropologia como por outras áreas científicas, tentou procurar soluções para os desafios estabelecidos pelas diferentes condições materiais e sociais e adaptar os seus conhecimentos e os seus modelos de conduta (OSÓRIO, 2005).

No contexto do assentamento Palheiros III, vimos como as interações das artesãs com o ambiente social presente na produção e comercialização de seus produtos influenciam sua própria educação. Assim, passam a se deslocar até a agência bancária da cidade de Açu, participam de cursos ou viajam para exposição dos seus trabalhos. Enfim, a oportunidade de sair da comunidade para novos lugares promove novas aprendizagens e desenvolve outras habilidades dessas mulheres, incluindo a comunicação.

O inacabamento nos remete à ideia de que cada pessoa apresenta suas próprias lacunas e que, por mais que haja uma influência forte da cultura na vida individual, não há uma determinação. De acordo com as culturas, temos tipos dominantes de atitudes, de comportamentos. Isso decorre do fato de que cada um de nós traz em si suas próprias incompletudes, erros, competências, facilidades, impedimentos, além de inúmeras outras possibilidades. Pensar nesses aspectos é fazer menção à própria identidade humana, cujo princípio é definido por Morin (2007) como "*unitas multiplex*", a unidade múltipla, tanto do ponto de vista biológico quanto cultural e individual.

Ora, a educação ao longo da vida presente numa determinada cultura é necessária em todo projeto de humanidade, o qual se interpõe entre o hoje e o amanhã ideal e vê cada indivíduo como parte do todo. A partir da ação educativa promove-se uma aproximação com a cultura, visando a alcançar a singularidade do agir dos sujeitos e das suas motivações para o aprendizado. O que muda são as forças que podem atuar nessa aprendizagem, mediante a relação entre adaptação e mudança; as circunstâncias definirão o ato de aprender. São assim integrados na aprendizagem os três tipos de circunstâncias em que mergulhou o homem: as

naturais (não humanas), as construídas e as sociais, por essa razão, pela qual a educação permanente é um processo natural presente em todas as culturas. (OSÓRIO, 2005).

Ainda seguindo as observações de Osório (2005, p.18), vemos que

a educação permanente nasce como uma educação coextensiva à vida, no sentido em que se trata de voltar a aprender, de rever conhecimentos, perante o desenvolvimento tecnológico e científico. Compreende a totalidade do ser, que é muito mais do que educação intelectual, e supõe uma educação integral (afetiva, estética, em harmonia com a natureza, etc.).

Nesse sentido, observa-se que a compreensão contemporânea por parte de estudiosos do tema da educação - exemplo disso temos as pesquisas publicadas por Delors (1999) - aponta para a necessidade de se observar o processo educativo para além dos espaços formais de aprendizagem. O papel da educação permanente ou aprendizagem ao longo da vida é conduzir o indivíduo para sua capacidade de dirigir o seu destino e conferir-lhe meios para conquistar um equilíbrio entre o trabalho, a aprendizagem e a vida ativa. A família, a comunidade, o tempo livre e o mundo laboral tornam-se, assim, espaços educativos na perspectiva dessa educação para o século XXI. Neste sentido, segundo Osório (2005), a educação:

Tem um carácter pluridimensional, porque combina conhecimentos formais e não formais, o desenvolvimento de aptidões inatas e a aquisição de novas competências. Deve permitir aos sujeitos “tomarem consciência de si mesmos e do seu meio envolvente” e desempenharem a sua função social no mundo do trabalho e na vida pública através do “saber”, do “saber fazer”, do “saber ser” e do “saber conviver” (OSÓRIO, 2005, p.50).

O saber, o saber fazer, o saber viver juntos e o saber ser são, na verdade, aspectos entrelaçados de uma mesma realidade. Percebe-se assim que há uma dialética dando sentido uma educação ao longo da vida e envolvendo, inclusive, a imitação de gestos e práticas. Tal processo é de apropriação particular dos sujeitos. Mesmo que hoje se presencie a fragilização das instituições tradicionais de educação, sejam elas organizações religiosas, família, a vizinhança do bairro ou da rua, é inegável a importância dessas instituições no processo educativo. Havia, porém, uma falsa ideia de que a escola era suficiente para formar o cidadão e dar conta de todas as suas necessidades educativas. Essa instituição, todavia, não

consegue mais atender à demanda social provocada pelas novas tecnologias, pelas alterações na estrutura familiar (em seus valores e composição) e pelos hábitos de consumo, que influenciam diretamente o trabalho e a vida das pessoas. Porém, ainda encontramos sociedades mais tradicionais que apresentam uma estabilidade em sua organização produtiva e social. Nesse tipo de organização, percebe-se um ambiente educativo e social relativamente imutável e marcado por ritmos de iniciação programados (DELORS, 1999).

Verificamos isso ao olharmos as culturas em seus aspectos mais tradicionais no tempo. Nesse caso, independentemente da escola, um processo de educação permanente encontra-se sendo construído. Constatamos no caso das artesãs do assentamento Palheiros III, algo relevante em sua do ambiente social.

No grupo mencionado, o aprendizado de técnicas artesanais com a palha de carnaúba e seu processo de transmissão ocorrem geralmente na primeira infância e na pré-adolescência das meninas, marcando uma das fases da educação voltada à formação do ser artesão, presente na comunidade.

Entre as artesãs constatamos uma tendência a afirmar que o aprendizado se deu a partir de uma disposição intrínseca para aprender, de uma curiosidade que as moveu em direção à observação do trabalho realizado pelas mais velhas, da repetição da ação entre tentativas e erros, que culminou na incorporação da técnica artesanal. Falam de um aprendizado espontâneo para a prática artesanal. Nas tradicionais famílias artesãs a educação para o trabalho ocorre na fase da infância, geralmente com meninas de idade entre 7 a 12 anos. Essas pequenas artesãs são tratadas desde cedo como mão-de-obra necessária ao sustento da família e empregada nas atividades cotidianas do meio rural, como o plantio e a colheita.

Há, no entanto, outro fator que torna esse aprendizado, sobretudo da prática artesanal, possível ainda na infância, “vivendo no campo, a criança terá tido alguma noção dos trabalhos campestres [...] Em todas as idades e sobretudo na sua, a criança quer criar, imitar, produzir, dar mostras de potência e de atividade” (ROUSSEAU, 2004, p.68). Vemos, assim, uma distância significativa entre os cuidados que são requeridos a um ser em formação e aquilo que é praticado pelas famílias. A interrupção da rotina escolar motivada por demandas de trabalho é comum nesse círculo social.

O aprendizado acontece, essencialmente, pela observação dos adultos em seu processo de trabalho e pelos exercícios práticos. As crianças aprendem

empiricamente, não há um processo formal de ensino da técnica artesanal. Esse consentimento para aprender em tão pouca idade nos faz lembrar Rousseau (2004, p.49) quando enfatiza o valor da experiência para a educação infantil:

[...] a educação do homem começa com o nascimento; antes de falar, antes de ouvir, ele já se instrui. A experiência antecipa as lições; no momento em que conhece sua ama-de-leite, ele já descobriu muitas coisas. Ficaríamos surpresos com os conhecimentos do mais grosseiro dos homens se seguíssemos seu progresso desde o momento em que nasceu até onde está. Se dividíssemos toda a ciência humana em duas partes, uma comum a todos os homens, outra particular aos doutos, esta seria muito pequena em comparação com a outra.

O conhecimento presente no grupo de artesãs é exemplo de como são ricas a experiência e a assimilação de saberes pela tradição. Assim, lidar com a matéria-prima, transformá-la, avaliar sua qualidade, aperfeiçoá-la e participar de processos que exigem o cálculo e a projeção com os objetos que produz é factual para exemplificar o peso da experimentação na geração de conhecimento tradicional.

A respeito da forma como o artesanato, enquanto um conhecimento milenar é aprendido, Almeida (2006, p.16 afirma o seguinte:

Foi-se o tempo que as profissões eram aprendidas na paciente arte da imitação, no convívio diário com os mestres das oficinas da vida. Num passado distante, que nos antecede em alguns séculos, o padrão de transmissão dos conhecimentos acumulados, o ensinamento dos valores a serem cultivados e a aprendizagem de um ofício se encontravam distribuídos em vários espaços da sociedade. A família, as pessoas mais velhas [...], os ferreiros, os sapateiros, - todos podem ser considerados os precursores da experimentação, vivência e transmissão de cultura.

No processo de construção do artesanato, embora a dimensão de educação ecológica apresente-se de forma sutil, podemos afirmar que há um tipo de saber prático do artesão que aponta para o papel ecológico que este vê na sua atividade, sobretudo na compreensão que tem da manutenção dos carnaubais. Em alguns de seus depoimentos, aparecem afirmações acerca do entendimento que têm sobre a relação entre o ciclo de vida da carnaúba e a poda da parte superior da árvore, em que as palhas do “olho” são cortadas, contribuindo, assim, para a renovação da palmeira. Por meio da prática artesanal, as mulheres, espontaneamente, se dão conta da importância do artesanato para a sustentabilidade ambiental. Sob a perspectiva do que denomina de Alfabetização Ecológica, Capra (2006) aborda a validade desse pertencimento espontâneo ao grupo e sua relação com o ambiente,

do que decorre a importância do conhecimento da história local, preocupação com questões ecológicas como a preservação dos carnaubais (presente no grupo de artesãs) a comunicação entre os artesãos, que, em sua produção, disseminam práticas pedagógicas para o convívio com a natureza e para a reprodução do modelo de cultura material existente na localidade. Pensar o modelo de extrativismo da carnaúba aliado ao processo de produção artesanal com a essa palmeira. Está de acordo com uma educação humana que trata de como viver à luz da verdade ecológica de que somos uma parte inextricável da comunidade da vida, una e indivisível (CAPRA, 2006).

Nesse enfoque ecológico apontado por Capra (2006), é preciso identificar como a natureza sustenta a teia da vida e qual a importância da educação para uma vida sustentável. Por exemplo, a retirada das folhas da palmeira para a confecção de esteiras e tranças artesanais permite uma relação de equilíbrio entre a geração de renda e o ecossistema, pois o corte da palmeira proporciona o novo brotar de folhas, processo fundamental para a sustentabilidade do carnaubal. Como afirmou uma das artesãs, filha e neta de artesãos:

É uma vida. A carnaúba é uma vida. A começar pela plantinha, porque quanto mais você vai tirando olho com o talho, mais ela vai sobrevivendo, se você não tirar, ela vai morrendo aos poucos. Todos os anos você tem que cortar ela, porque aquela palha seca vai enfraquecendo a raiz dela... Você vai tirando e ela vai desenvolvendo. Tem que ser tirado o talo, porque o talo é o que suga a potência da água do chão. E tanto faz ela ser criada fora d'água como na água. Mas você tem que tirar o olho da palha, não é nem tanto o olho é o talo (ARTESÃ 02).

4.2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E O ARTESANATO

Quando falam da fase em que aprenderam o artesanato, os adultos falam de si como crianças curiosas, transformadas em pequenas artesãs por um processo que foi adquirido espontaneamente. Sobre esse assunto escutamos em diversas narrativas algo como: “chegava lá via elas [as tias] fazendo e eu prestava atenção até que eu aprendi mesmo só vendo elas trabalhando” (ARTESÃ 09).

Sobre o trabalho infantil, a comunidade o concebe como uma necessidade tida como virtude, a reprodução dessa prática é parte da organização social do grupo. Como recebem diretamente a influência do ambiente familiar e da própria fase natural de seu desenvolvimento (TARDIFF, 2002).

Muito cedo, no desenvolvimento da criança, a atividade prática se torna inseparável das formas de pensamento simbólico, pelas quais ela se remodela. Ocorre o mesmo com a percepção e a memória, que são também transformadas pelas ferramentas simbólicas às quais se recorre. Pensamento e atividade estão pois estreitamente ligados.

Em outras palavras, só é possível estudar o desenvolvimento da criança a partir de sua imersão na cultura, da sua entrada em contato com formas de comportamentos culturalmente maduras. Percebe-se ainda que a educação não se acrescenta ao processo de desenvolvimento psicológico, mas é parte integrante deste. Por essa ótica, desenvolvimento e educação formam um conjunto indissociável. Por fim, toda aprendizagem humana é, ao mesmo tempo, natural e artificial, pois depende das instituições humanas que presidem a sua realização. Aquelas crianças que convivem no meio rural e que estão inseridas no ambiente do trabalho artesanal desenvolvem capacidades mentais de operar e instrumentalizar que fora do contexto em que vivem, não apresentariam o mesmo nível de desenvolvimento para o trabalho artesanal, por exemplo.

Está presente também, no sentido atribuído pelo grupo à palavra educação, a ideia de continuidade, principalmente com o propósito de continuar ensinando o ofício artesanal. Se as mulheres estão velhas e não trabalham mais, devem, por sua vez, ter a disposição de ensinar aos mais jovens ou aos adultos que queiram aprender, é isso que o grupo espera delas. O prazer de ensinar mostra-se em várias ocasiões em suas falas:

[...] eu tenho prazer em fazer e ensinar, eu sinto aquela sensação: ‘você quer aprender a fazer?’ ‘Eu quero’, ‘então senta aqui perto de mim que eu ensino’. Caso não existisse essa predisposição por parte das artesãs mais velhas, dificilmente haveria a continuidade da tradição artesanal ao longo das gerações. “Eu queria que as pessoas fossem todas assim, ensinassem a quem quer aprender. (A2).

Outra situação em que ocorre o processo educativo é na educação para o trabalho com pessoas adultas do assentamento. Isso se dá quando alguma mulher adulta recebe ensinamentos para aprender a confeccionar esteiras de palha. Cabe às mais velhas a responsabilidade de ensinar o trabalho artesanal às jovens e às adultas. Essa modalidade de aprendizagem ocorre geralmente com mulheres que não são de famílias artesãs, nestas o aprendizado se faz presente na infância. O

saber técnico apoiado na tradição do grupo bem como a disponibilidade daquelas que ensinam e a receptividade de outras que aprendem confirmam aquilo a ideia difundida de que a educação permanente é um processo inerente aos sujeitos adultos.

Há na educação permanente dois pressupostos fundamentais: o de que os seres humanos educam-se ao longo de toda a sua biografia e de que não se educa só na escola e na família, mas também numa multiplicidade de situações e âmbitos geradores de efeitos de formação e aprendizagem (OSÓRIO, 2005).

Ao recorrermos à interação entre educação permanente e educação de adultos, podemos afirmar que a primeira diz respeito aos sujeitos inseridos num contexto social em inter-relação com todas as instituições e organizações que influenciam a sua formação. São incluídos, nesse caso, aqueles fundamentos antropológicos nos quais está presente a compreensão do ser inacabado.

Sob a perspectiva da educação de adultos, ao olharmos o grupo de artesãs da nossa pesquisa, vemos que são sujeitos que desenvolveram competências em relação aos problemas e às experiências de vida, atendendo assim a uma necessidade, muitas vezes, ligada à sobrevivência. Quem aprende na fase adulta recorre, comumente, ao argumento de que teve dificuldades na aprendizagem, por isso operações foram repetidas inúmeras vezes, mas por insistência, adquiriu a competência para confeccionar o artesanato. Para essas pessoas, a motivação para aprender o ofício tem o nome de “atrevimento” para querer aprender. Esse atrevimento que combina com a própria condição de vida de restrições da mulher do meio rural do semiárido.

Os adultos de famílias artesãs aprendem a técnica do artesanato com a palha ainda na infância, mas continuam no processo de aprendizagem constantemente, seja aperfeiçoando suas habilidades, seja criando novos produtos ou por meio de sua organização social, na qual reproduz modelos de comportamentos sociais praticados dentro do grupo. Nesse processo de educação ao longo da vida, há o contato com fundamentos cognitivos importantes na construção desses sujeitos, o qual ocorre numa lógica interdisciplinar em que são aprendidas noções de aritmética, geometria, finanças pessoais, aprendidas na convivência com o trabalho e práticas presentes no grupo.

Há também o aprendizado que é possível na lógica da produção. Assim, artesãs que passam a lidar com dinheiro, ao contabilizar em seu volume de

produção, quantidade vendida e quanto têm a receber, incorporam um saber novo à sua cognição; fazendo operações aritméticas relacionadas ao processo de comercialização, por exemplo, adquirem habilidades para lidar com dinheiro.

Quem aprende a técnica na fase adulta, em geral, não é originário de famílias que praticam o artesanato há gerações; esses novos artesãos buscam na atividade a oportunidade de aprender algo que possa ser útil para ganhar dinheiro. As famílias que têm incorporada a tradição artesanal reproduzem seus saberes práticos às suas filhas nas fases da vida, como mencionamos anteriormente (QUEIROZ NETO, 2010).

É importante fazer um breve comentário sobre como é vista a educação formal pela comunidade. Durante as entrevistas que realizamos, as artesãs eram questionadas acerca da educação das crianças e do fato de elas frequentarem a escola do assentamento ou da cidade.

Todas declararam ser de muita importância os filhos estarem cursando o Ensino Fundamental ou Médio, uma oportunidade para a vida deles, segundo elas. Havia uma expectativa de que, “pelos estudos”, eles conseguissem obter condições de trabalho melhores do que aquelas de seus pais. Quando passamos para as entrevistas em grupo, essa realidade não se fez presente; a relevância dada à educação dos filhos era mais retórica que ação. As crianças, ao retornarem da escola, sempre tinham trabalhos domésticos a cumprir e não lhes era destinado tempo para as tarefas escolares, tampouco acompanhamento por parte das mães.

Concordamos com Duveen apud Jovchelovitch (2008) quando se refere ao fato de que, para se compreender algo, é necessário entender o seu desenvolvimento, ideia cara à Psicologia do Desenvolvimento. A esse respeito, afirma que a criança nasce em um mundo estruturado pelas representações sociais de sua comunidade, que a coloca num conjunto organizado de relações e práticas sociais, razão pela qual se age voluntariamente para a reprodução daquilo que é sistematicamente direcionado para ser feito.

Quanto à forma como a mulher artesã é educada a ocupar uma posição a partir da distribuição de papéis sociais divididos em função do gênero, notamos que há uma força gerando categorias nas representações. Isso se processa de tal maneira em volta da criança, que ela sempre vai aparecer como uma menina ou um menino desenvolvendo identidades sociais específicas. Assim, a criança é

construída como um ser com gênero por aqueles à sua volta que, conseqüentemente, agem com ela à luz dessa construção.

O processo que torna a criança um ator social no mundo em que vive é algo construído, primeiro pelos outros e posteriormente pela própria criança, quando esta irá internalizando as representações do grupo.

Ao assim o fazer, a criança também chega a identificar sua posição própria dentro de um mundo estruturado por essas representações. [...] Essa relação entre representações e identidade não é específica ao campo de gênero. Sejam quais forem as representações internalizadas, elas estão entrelaçadas aos processos de construção de identidade, ainda que as conseqüências da identidade nem sempre sejam as mesmas. (DUVEEN, apud Jovchelovitch, 2008, p.266)

As comunidades constroem um repertório comum de saber que perdura temporalmente e que oferece aos membros os referenciais e os parâmetros por meio dos quais os indivíduos darão sentido ao mundo à sua volta, podendo relacionar suas histórias individuais a narrativas mais amplas de vida comunitária (JOVCHELOVITCH, 2008).

As meninas executam as prendas do lar tão bem quanto as mães, confeccionando também esteiras; os meninos, por sua vez, lidam com o gado, com a agricultura, com o abastecimento d'água em carroças puxadas por jumentos. Ao chegarem da escola, eles podem “ganhar o mundo”, enquanto elas devem ficar em casa.

A escola é vista, em diversas ocasiões em que o tema é abordado, como um local que oferece a oportunidade futura de obter um “salário certo”, como uma forma de conseguir um emprego melhor. Não raramente, essa ideia de um emprego melhor mostra-se como esperança depositada nos filhos para o sustento futuro dos pais. É vista também como uma espécie de ocupação que, curiosamente, se assemelha a um emprego, um espaço social que as crianças e jovens têm como alternativa ao trabalho na comunidade.

Por mais que se insista o papel da escola como meio de estudar e melhorar de vida, ela não é reconhecida como um espaço de aprendizagem de conhecimentos formais úteis à vida adulta, mas como meio de conseguir um emprego um dia no futuro. O sentido atribuído à escola é baseado no acesso a melhores condições de existência por meio de um emprego, de uma atividade assalariada. Está na escola a esperança da não reprodução da sua trajetória e da de

seus pais. No entanto, é depositada na criança uma espécie de projeção de seus próprios desejos de prosseguir na formação escolar e de obter uma alternativa à vida no assentamento.

ARTESÃ 1 – Porque pra eu estudar era difícil. Meu pai não tinha dinheiro para comprar caderno. Naquele tempo, era muita dificuldade. Não terminei nem o 2º ano direito.

Da mesma maneira acontece com seus filhos:

ARTESÃ 6 – Depois que me casei, fiquei viúva com 9 filhos pequenininhos. Aí comecei a imaginar, a pensar como eu ia criar, sem ter apelo de nada. Eu não trabalhava. Ele não botava nenhum na escola. Quando ele era vivo, o pai deles não queria saber de escola, não. A professora ia lá em casa, atrás de botar os meninos na escola. Ele dizia ‘ não, quando eu puder, eu boto’. E eu dizia ‘ Pode quando? Quando é que vai poder?’ Aí até que morreu e ficou tudo sem estudar. Aí quando ele morreu, que me aposentei, aí eu botei tudo na escola. Aí todos sabem assinar o nome. Uns saíam lendo o 2, o 3[...] aí começaram a trabalhar. Eles começaram a estudar de noite, não tinha uma MOBREAL¹⁸. Mas todos eles sabem assinar o nome.

Uma informação que nos chamou a atenção foi o fato de que, enquanto o marido era vivo, nenhum dos filhos frequentava a escola, vistos numa perspectiva de mão de obra e a escola como empecilho ao trabalho. Veem-se a mulher submissa, a dominação masculina exercendo violência material sobre a família, a coesão e o impedimento de terem seus direitos à educação. Cenas como essas são comuns em famílias do meio rural, numa configuração familiar pratriarcal. Entre as regras ditadas pelo pai, uma era abandonar a escola para cuidar do roçado. A exemplo da situação anteriormente exposta, temos um relato de uma artesã do município de Itaú, que retrata as mesmas condições daquelas vividas pelas artesãs do Palheiros III: “eu adorava estudar matemática, mas meu pai sempre me tirava da escola para apanhar algodão nas terras dos outros [...]. Então, eu chorava porque não queria largar a escola. Hoje eu seria uma pessoa formada [...]”.

Sobre a construção das diferenças entre os gêneros e a forma como esse processo é operado, Bourdieu (2010, p.33) nos diz:

[...] é a custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio.

¹⁸ Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pela Lei Federal 5.379/1967 e que propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos.

Dando continuidade à relação que têm com a escola, podemos notar que as mulheres revelam que esperam dos filhos um desempenho escolar satisfatório para alcançar uma vida melhor. Mas não é bem isso que acontece na prática, pois esses alunos oriundos de famílias de baixa renda não têm, muitas vezes, recursos e apoio fora da escola que lhes permitam desenvolver seu potencial ou simplesmente permanecer na escola.

As representações que se confirmam no grupo colocam os filhos no lugar desse sujeito, como aqueles capazes de realizar seu projeto inacabado, por isso frequentemente vêm à tona frases do tipo “é muito bom ter um diploma, acho bonito ter um diploma”. A esse respeito, em um estudo que trata sobre Representações Sociais (MADEIRA, 1991) em famílias de agricultores que se vêem impedidos de estudar ou que nunca tiveram acesso a uma educação escolar, a autora faz a seguinte análise, que ora tomamos de empréstimo por considerá-la convergente com a realidade com a qual nos deparamos em nossa pesquisa:

Será, apenas, através dos filhos, projeção de si, que isto se lhes torna possível. Neste complexo, radica-se outro núcleo do sentido da educação: o que a toma como escolaridade, num projeto confuso e fantasioso, através do qual a segurança, a estabilidade e a ascensão social que são negadas a esses sujeitos seriam atingidas. Nesta representação ele é um sujeito ausente ou, como já dissemos, se faz presente pelos filhos. (MADEIRA, 1991, p. 138).

Domingos Sobrinho (2000), ao discutir o conceito de *habitus* ou *ethos* de posição para Bourdieu mostra a sua importância na compreensão da manutenção duradoura dos modos de agir dos grupos bem como da reprodução de suas práticas. O autor afirma:

[...] as experiências acumuladas ao longo da trajetória de um grupo produzem os esquemas de percepção, de pensamento e de ação que guiam os indivíduos assegurando-lhes a conformidade e constância de certas práticas através do tempo. (DOMINGOS SOBRINHO, 2000, p.118).

Mas, quando estamos tratando com pessoas de *habitus* diferentes, não é possível identificar o mesmo equilíbrio na manutenção das relações interpessoais nem a sustentabilidade da qualidade da manutenção de suas práticas. Ainda segundo Domingos Sobrinho (2000, p.118) “[...] as condições sociais de existência

são interiorizadas sob a forma de princípios inconscientes de ação e reflexão, esquemas de percepção de entendimento, portanto, sob a forma de estruturas da subjetividade”.

No assentamento, é comum observar que algumas famílias artesãs vivem em situação de penúria. Sobre essa condição, o antropólogo Gilberto Velho (1999, p.22) constata que: “pode ser relativamente pouco importante a reprovação do filho na escola comparada com sua necessidade de dispor de mão de obra para atender às necessidades mais elementares de sobrevivência”. Afirma ainda o referido antropólogo, ao fazer uma comparação social, que, num contexto de camada média com projeto de ascensão social, o fraco rendimento escolar de um filho é vivido como uma real ameaça à sua própria identidade.

O casamento, os filhos, a exigência de mais trabalho doméstico e a necessidade de ajudar os pais no trabalho da roça são postos pelas artesãs como principal argumento para terem abandonado a escola quando ainda eram jovens. Todas as mulheres largaram “os estudos”, algumas cursaram até a 2ª série, outras conseguiram, apesar de estarem casadas, cursar uma das séries para, no período seguinte, desistirem. Essa é uma trajetória que os filhos reproduzem naquele grupo.

Filhas e mesmo filhos estudavam, mas, ao casarem, as circunstâncias do novo modelo de vida, tão semelhante ao da mãe, os levavam a desistir de estudar. São relatos ditos sem maiores indignações e estranhamento:

Pesq.: Por que parou de estudar?

ARTESÃ 4 – Casei (risos).

Pesq.: Aí não tinha mais tempo, o marido não deixou continuar?

ARTESÃ 4 – Não deixava não. Aí veio menino...

ARTESÃ 1 – Aí, depois que eu me casei, porque eu parei na 4ª série, aí quando eu me casei ainda fiz a 5ª, já casada. Aí começou a chegar menino, era muito menino [...].

O casamento e o nascimento de filhos são impedimentos para continuar na escola, assim como aconteceu com seus pais e inúmeros outros parentes. Revela, por sua vez, uma face escondida da realidade, o próprio impedimento da mulher de ser aquilo que desejar ou fazer o que considera importante. Frequentar a escola exige um esforço enorme, é preciso “tomar remédio controlado”. Uma delas disse que o marido não deixara, “aí começou a chegar menino, era muito menino”. A sobrecarga de responsabilidades da mulher e os interditos da dominação masculina orientam como deve ser seu papel social. “A relação com a escola, o sentido que lhe

é atribuído diz muito mais do que a escola propriamente dita. Assim, ao serem internalizadas, as representações passam a expressar a relação do sujeito com o mundo que ele conhece e, ao mesmo tempo, elas o situam nesse mundo” (DUVEEN apud JOVCHELOVITCH, 2008, p.267).

Da mesma forma, é esperado que os meninos tenham maior liberdade, ou que a desfrutem dentro do espaço do assentamento Palheiros III. A ordem que é construída pelas representações tem um caráter fixo e objetivo. Proporciona a estabilidade para que os sujeitos encontrem seu lugar no mundo. Os dominados se utilizam de categorias construídas na óptica dos dominantes em suas próprias relações, fazendo a dominação ser vista como natural.

Sobre a violência simbólica, Bourdieu (1999, p.47) alerta que o processo de dominação é constituído pela adesão que o dominado concede ao dominante:

[...] quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes [...], resultam da incorporação de classificações assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.

Quanto às atividades que são permitidas socialmente a cada um dos gêneros, elas não são somente expressam por uma construção simbólica do masculino e do feminino, mas por um trabalho de construção prática demarca o que é legítimo tanto a um quanto ao outro. O poder da ordem do gênero masculino não precisa de justificação, a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la (BOURDIEU, 1999).

A educação dos meninos e das meninas, portanto, fica a cargo dos pais e das mães, respectivamente. A prioridade é educar para o trabalho, seja no campo, seja no lar. Além disso, por meio da educação, há a possibilidade de terem um tipo de ocupação que seja desempenhada à sombra. Aliás, um trabalho à sombra configura-se como um divisor de águas à medida que promove a ruptura com a condição de agricultores. Trabalhar em condições de sombra tem um *status* diferenciado de trabalhar na agricultura. Tal condição as próprias artesãs têm em sua atividade de produção artesanal. Muitas delas, em tempos de “precisão”,

trabalharam na agricultura, portanto “ao sol”, atualmente, dedicam mais tempo ao artesanato.

Portanto o artesanato com a carnaúba não tem nenhum sentido artístico ou com destaque de arte para aquelas mulheres artesãs. Em vez disso, há, no assentamento um processo de reprodução do ser artesã voltado à produção para a sobrevivência, atendendo demandas de mercado. Concilia-se o trabalho na produção de esteiras com as tarefas domésticas. O brilho de quem produz arte, de quem é capaz de criar algo de relevante para sua cultura, não existe no grupo. Afinal, são agricultoras que produzem artesanato, esse é o sentido que elas mesmas atribuem a si; o que lhes é ensinado ao longo das gerações. Seu lugar é distinto, seu papel é demarcado: artesãs circunscritas ao ambiente doméstico que trabalham à sombra dos alpendres e embaixo das árvores frutíferas em madrugadas e dias frios.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A propósito de conclusão apresentamos constatações da pesquisa que reformularam nossas hipóteses iniciais e resultaram em novas aprendizagens; além de indícios de novos desafios à atuação profissional e possibilidades de retorno social para com as artesãs, participantes da pesquisa. Apesar dos avanços tecnológicos e da gradativa substituição do homem nas atividades de produção, a atividade artesanal não se extinguiu, e o ato humano de transformar com as mãos a natureza, portanto o artesanato permanece como alternativa seja na sua dimensão criativa ou de subsistência.

Como resultado de um processo de aprendizagem com base na transmissão de conhecimentos impregnados nas culturas, o artesanato é parte do movimento maior de aprendizado ao longo da vida no qual estamos todos inseridos. O aprender é parte da nossa constituição biocultural, assim, aprende-se aquilo que irá facilitar nossa vida doméstica, laboral ou simplesmente o que está às voltas com a sobrevivência. E, sobretudo, aprendemos tomando como base às condições sociais, contexto que dá sentido ao aprender, aquilo que criamos, a partir das interações com outros sujeitos nesse processo, e que orientam as ações do cotidiano. Como lembra Spink (2008): “De um lado temos os conteúdos que circulam em nossa sociedade e, de outro, temos as forças decorrentes do próprio processo de interação social e as pressões para definir uma dada situação de forma a confirmar e manter identidades coletivas”.

O trabalho artesanal é relevante na vida das artesãs e se apresenta como conhecimento gerado para fins de sobrevivência, e não simplesmente como uma criação cultural que merece ser transmitida e mantida às gerações mais jovens continuamente. Um aspecto singular dessa atividade laboral é que permite que as mulheres tenham a possibilidade de trabalhar à sombra, ou seja, na intimidade do lar.

O artesanato compreendido enquanto um conhecimento produzido por aquele grupo detém mecanismos de reprodução que são fundamentais para a manutenção do arranjo social existente. Pela lógica instalada pela atividade artesanal no Assentamento Palheiros III, papéis sociais são definidos na

comunidade, saberes são gerados e práticas sociais são reproduzidas; em especial os modos de agir do ser feminino.

Nesta atividade estão presentes saberes transmitidos entre gerações, que podem ser usados em momentos de crise, em momentos de grande necessidade, ou como dizem as dezenas de pessoas com as quais dialogamos: *de grande precisão*.

Aprender a lidar com a palha, e a partir dela criar utensílios ou peças decorativas, é uma técnica não só com traços ligados à tradição do grupo, sobretudo, é um conhecimento aplicado àquela realidade para uso em tempos onde o que conta é encontrar meios que cooperem com a sobrevivência. Assim, em nossas observações identificamos que em quase todas as famílias do assentamento algum membro sabe trabalhar com a palha, confeccionar esteiras e outros produtos, mesmo que não estivesse comercializando com o artesanato no momento.

O conhecimento é gerado e permanece no conjunto de aprendizagens dos membros do grupo, isso em algum momento poderá ser útil, é de cunho estratégico. É semelhante a situações comuns nas famílias sertanejas em que os pais ensinam sobre a propriedade de certas plantas no sertão nordestino: uma é fonte de água em tempos de seca, outras que retêm água e nutrientes que servem como fonte de alimento, por exemplo, a macambira e o xique-xique, em outras se podem encontrar propriedades terapêuticas. Dessa forma, os ensinamentos a respeito do artesanato não são baseados numa relação do artesão, exclusivamente, com um objeto que deve ser reproduzido por seu valor para a tradição e os costumes ao longo das gerações. O vínculo com os produtos de palha de carnaúba se realiza, e se revelam como meios de sobrevivência.

Por fim, a partir desse trabalho passamos a compreender que a realidade daqueles que se dedicam ao trabalho artesanal e ao processo de transmissão desse conhecimento, não assumem padrões gerais. A identidade com o trabalho artesanal presente na comunidade que pesquisamos remete a um conteúdo representacional que revela um modo de agir próprio do grupo em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Odete. **Extrativismo da carnaúba**: relações de produção, tecnologia e mercados. Fortaleza/CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. 214.p.

ALMEIDA, M.C. e RAMALHO, I.P.C. **Saberes da tradição: proposições para um ensino educativo**. In: Anais do Encontro Dialógico Transdisciplinar – tecendo conhecimentos em complexidade: desafios e estratégias. UESB. Vitória da Conquista, nov. 2010.

_____. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010.

ANDRADE, Mário. **Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da arte**. Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal: 1938,16p. mimeo.

ARAÚJO, Iaperi. **Elementos da arte popular**. Natal: UFRN, 1985, 88p.

ARANHA, Terezinha de Queiroz (org.). **SESQUICENTENÁRIO DA CIDADE DO ASSU. 1845-1995. Edição comemorativa**. Departamento estadual de imprensa, 1995. Coleção Vale do Assu, 12, 270, p.44

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUER, Martin W. George Gaskell. Tradução de Pedrinho A Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Compreender in **A miséria do mundo**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1997. 4ª. Edição.

_____. **Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 98p.

_____. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAZIN, Germain, *História da história da arte*. Antonio de Padua Danesí (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CEARÁ. Projeto de Desenvolvimento da Cultura da Carnaúba, mantido pelo Governo do CE. Disponível em: <www.seagri.ce.gov.br>. Acessado em abril de 2008.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Sebo Vermelho, 2006. 3ª edição.

GONÇALVES, Nadia G. **Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução.** Nadia G. Gonçalves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

M. GUERRA, Phelipe. **A Carnauba: Sua exploração e seu valor**, 1912, 80-95

GULLAR, Ferreira. **O artesanato e a crise da arte.** Revista de Cultura e Vozes, Petrópolis: s.n, v. 88, n. 4, p. 7-12, jul./ago. 1994.

HUIZINGA, Johan. (1872-1945). **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: UNESCO, Cortez Editora. 1999.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida.** Org. Cleide R. Campello. São Paulo: Annablume, 1997.

M. A., Macedo. **Notice sur Le Palmier Carnauba**, 1867. Mimeo.

MARX, Karl. **A mercadoria.** Jorge Grespan traduz e comenta. São Paulo: Ática, 2006.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. CENTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISAS AGRONÔMICAS. INSTITUTO NACIONAL DE ÓLEOS. ENSAIOS SOBRE A CARNAUBEIRA. Joaquim Bertino de Moraes Carvalho. 1942.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/mapa.php>>. Acessado em 10 de março de 2011.

MILLS, Wrigth. **Sobre o artesanato intelectual.** RJ: Zahar, 2009.

MORIN, Edgar. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

_____. **O método 4 – as idéias.** Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2005. 320p.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PLATÃO. **A república.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

RAMBO, Anelise Graciele; COSTA, Genivalda Cordeiro da; FILIPPI, Eduardo Ernesto. **Experiências de geração de biocombustíveis no Sul e no Nordeste do Brasil: dispositivos coletivos, inovações sócio-técnicas e desenvolvimento**

territorial. Campo Grande: 48º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural – SOBER. 2010.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do mestre artesão.** Campinas: Ed. Autores Associados, 1998.

RUSSI, Adriana. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Popular, vol. 1, n.1, 2004. Cestaria, Homem e Natureza: a arte do trançado do Rio Juquiá-Guaçu.

SEBRAE. MASCÊNE, Durcelice Cândida. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**/Durcelice Cândida Mascêne, Mauricio Tedeschi. Brasília: SEBRAE, 2010. 64p

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse.** Natal: Flecha do Tempo, 2007.

SENNETT, Richard. **O artífice.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SESQUICENTENÁRIO DA CIDADE DO ASSU – 1845-1995. Edição comemorativa. (org.) Terezinha de Queiroz Aranha. Natal/RN. DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA (1995). Coleção Vale do Assu, 12, 270p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza: mitos, história e as terras selvagens.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990, 309 p.

WORLD CRAFTS COUNCIL. Disponível em: <<http://www.worldcraftscouncil.org>>. Acesso em 10 de março de 2011.

ANEXOS

Como o trabalho é visto pelas mulheres artesãs e o sentido que lhe é atribuído por esse grupo podem-se observar no quadro abaixo, fruto do processo de análise de conteúdo das entrevistas realizadas com a população:

Quadro 1: Sentidos do trabalho para a população pesquisada.

ARTESÃ	TRABALHO
Artesã 2	<p>“[...] eu tenho prazer em trabalhar, por isso que eu só trabalho contente, toda vida que você chegar aqui, eu estou de um jeito só, é todo tempo rindo, conversando com as pessoas”.</p> <p>“[...] também essas pessoas que não têm nem conhecimento com o trabalho, como as pessoas do sítio, né? Eles acham que trabalho é só trabalho, não acham que trabalham por prazer, muita gente já sabe o desenvolvimento que tem o trabalho e trabalham por prazer, mas muita gente ainda não sabe, muitas pessoas que estão começando, né? [...]”.</p>
Artesã 3	<p>“[...] comecei a trabalhar com sete anos de idade junto com a minha mãe, minhas irmãs, e hoje continuo fazendo trança e esteira. [infância]</p> <p>Tô muito alegre, minhas costas doem, sento um pedaço e começo de novo [...]” [labor]</p>
Artesã 4	<p>“[...] estamos aqui trabalhando, fazendo esteira, eu gosto muito de trabalhar, de fazer esteira para ganhar o nosso dinheirinho, sabe? Não ser muito dependente de marido, pra quando nós precisar, nós ter [...]” [independência]</p>
Artesã 5	<p>“[...] é através da palha que nós temos trabalhado, assumido a nossa responsabilidade de ajudar o nosso companheiro [...]” [condição feminina]</p> <p>“[...] Eu cansei de sair daqui com palha de baixo do braço pra voltar para casa de três horas da madrugada. Mas porque nesse tempo só era o meu ganho que assumia a responsabilidade da bodega [...]”</p> <p>“[...] Eu cansei de sair de casa só com as palhas e voltava com três esteiras enrolado. Se fosse em casa, eu não fazia [...]”</p>
Artesão 7	<p>“[...] Com precisão sabe? Porque a gente não vai fazer o serviço e... É com precisão. Olhe, eu nasci e me criei fazendo esteira, fazia louça, fazia chapéu, louça eu não tô fazendo porque não tem barro, porque não tem por aqui, se não, eu já tava fazendo [...]”. [natureza]</p> <p>“[...] Todo dia fazia mais mamãe para a gente dar de comer aos irmãos, com o dinheiro de esteira [...]”. [infância]</p> <p>“[...] Eu só sinto dor nas costas quando eu vou apanhar feijão, num sendo, faço esteira o dia todinho que eu não sinto dor nas costas não [...]”</p>
Artesã 8	<p>O trabalho da gente ia crescer, nós tínhamos aquela esperança e nós trabalhávamos tudo com alegria [realização]</p>
Artesã 9	<p>“[...] mamãe fazia para vender as esteiras e eu dizia ‘mamãe me ensine’. E ela dizia: ‘não, eu não tenho paciência de ensinar não e nem tenho tempo’. Aí meu pai de noite tava despreocupado e dizia: ‘traga as palhas que eu ensino’ [...]”</p>

	<p>“[...] nós ajudamos muito aos nossos irmãos a alimentar, eu ajudava minha mãe, nós chegamos a acordar até de madrugada para ajudar ela fazer as esteiras e ganhar o pão de cada dia e, depois que nós chegamos aqui, as coisas melhoraram também [...]” [infância]</p> <p>“[...] Durante o dia, a gente ia fazer as coisas de casa, num ia mais se preocupar com esse trabalho porque agente só ia fazer de noite [...]” [condição feminina]</p>
Artesã 11	<p>“[...] Eu sinto muita dor nas costas, eu faço porque tenho prazer em fazer, mas eu sinto muita dor nas costas, mas faço [...]”</p> <p>“[...] Eu também porque gostava de trabalhar junto com as amigas. Muitas vezes, a gente saía de 6 horas da noite e trabalhava a noite todinha e, às vezes, eu chegava de quatro horas da madrugada, cinco horas. Só trabalhando e fazendo esteira, quando uma cochilava, a outra ia e animava e assim nós íamos chegando e amanhecia o dia [...]”</p>
Artesã 12	<p>“[...] ‘faça aqui menina um ‘tamanho’ que eu estou aperreada, enquanto eu faço aquele arroz’. Elas vão fazendo e aprendendo, tão aí no meio da casa. Não tem outra coisa, e eu não vou botar minhas filhas pras casas [...] boto de jeito nenhum, vamos trabalhar em casa. Amanhã ou depois acontece alguma coisa e vão dizer: ‘é porque a mãe não cuidou’. Elas estando em casa, embora sejam ruins, mas estão na minha frente [...]” [condição feminina]</p>
Artesã 16	<p>Pesq.: E você acha que o trabalho atrapalhava na escola?</p> <p>Artesã – Atrapalhava não. Eles não estudaram porque não quiseram. Eu só botei pra trabalhar porque fizeram muita raiva a mim. De tanto receber reclamação de professor, ‘pois agora vocês vão trabalhar pra saber o que é bom’. Aí hoje eles dizem: ‘ah, mamãe, me arrependi tanto’.</p>
Artesã 18	<p>Tem que caçar serviço pra trabalhar. Não quer estudar, tem que trabalhar!</p>

Fonte: O autor (2010).

Apresentamos, no quadro a seguir, como resultado de entrevistas, depoimentos das artesãs, nos quais procuramos identificar o sentido que estas atribuem à palavra educação. Dando continuidade ao texto, faremos algumas considerações a esse respeito logo em seguida.

Quadro 2: Sentidos da educação para a população pesquisada

ARTESÃ	EDUCAÇÃO
Artesã 02	<p>“[...] Eu queria aprender, eu tinha curiosidade pra aprender, porque eu achava muito bonito, eu acho muito bonito.”</p> <p>“[...] E é muito bom você ter uma coisa que você quer aprender e você poder aprender e depois você vai passar pra outra pessoa e vai continuando como uma família, vai passando de geração em geração [...]”</p> <p>“[...] eu tenho prazer em fazer e ensinar”.</p>
	<p>“[...] então, se uma pessoas tá velha e não pode mais trabalhar, mas vai ensinando às outras pessoas que vai começando a trabalhar, porque vai crescendo, vai crescendo e cada dia cresce mais. Mas não, eu só vou trabalhar porque eu estou precisando de um dinheirinho, mas eu vou fazer isso aqui e pronto, terminou isso aqui e terminou, deixa pra lá, não!”</p>
Artesã 05	<p>“[...] Eu fui professora de vários cursos que eu dei fora para ensinar os grupos de mulheres trabalharem com a palha que elas não sabiam e graças a Deus era um trabalho tão feliz que a gente ensinava a 20 pessoas e saía de lá e deixava todas elas trabalhando [...]”</p> <p>“[...] Eu aprendi com a minha família, mamãe eu não via nem ela fazendo esteira, se sabia, mas não se fazia, mas minhas tias, quando eu chegava lá, via elas fazendo e eu prestava atenção até que eu aprendi mesmo só vendo elas trabalhando [...]”</p>
Artesã 08	<p>Eu acho importante esse artesanato. Eu aprendi, mas não foi com mamãe, porque ela não sabe, já foi uma vizinha que me ensinou, aí eu aprendi e já passei para as minhas filhas. Eu tenho seis filhas fêmeas, mas só tem uma que não sabe, o resto tudinho sabe, elas acham bom fazer.</p>
Artesã 09	<p>Aí ela começou a me ensinar e eu levei as palhas para casa e comecei, entortava aqui, entortava acolá e eu dizia à irmã ‘eu não vou conseguir não’ e ela dizia: ‘consegue irmã’. Ela sentava e ajeitava ali o defeito que tinha, aí eu sei que fui aprendendo e consegui. Aí fazia do jeito delas, eu tô satisfeita também por ter aprendido e elas terem me ensinado</p>
Artesã 10	<p>“[...] ninguém me ensinou, eu via minha mãe fazendo junto com os meus irmãos, e sempre eu tinha aquele atrevimento de querer aprender, até que eu aprendi sozinha mesmo [...]”.</p>
Artesã 15	<p>“Gosto de aprender. Porque lá em casa meu marido vende uma bebidinha e eu que faço as contas. Ele não sabe”. [condição feminina]</p>

Fonte: O autor (2010).

Sobre escola, a análise feita trouxe os seguintes depoimentos:

Quadro 3: Sentidos de escola para a população pesquisada

ARTESÃ	ESCOLA
Artesã 06	<p>“[...] Aqui as professoras são assim [...]. Se dependessem delas, elas queria ver todos os alunos adiantados [...] Adiantados. Elas fazem reuniões com os pais, cada um bimestre elas fazem reunião, pede para os pais ajudar nos dever de casa [...]”</p> <p>“[...] Pro futuro. Pro futuro lá na frente, eu espero que lá na frente eles sejam umas pessoas de bem, que eles vão através do estudo, eles vão ganhar... Tenham o seu emprego é o que eu espero [...] Que o que eu tenho pra dar a eles, como pobre, é um estudo pra lá na frente eles ter um futuro deles que eles possam ter um ganho através do estudo deles [...]”</p> <p>“[...] A educação é uma coisa importante que a gente não sabe nem explicar. Uma coisa boa, só em dizer que a gente é formado é uma coisa muito [...] Pra mim é uma palavra bonita, saber que a pessoa terminou seu estudo é uma coisa boa. É o que eu tenho a dizer a todos meus filhos que chegue esse tempo deles dizer assim: hoje eu tô formado, hoje eu tenho o meu diploma [...]”</p> <p>“[...] eu aconselho muito meus filhos ‘vocês não parem as carreiras de vocês, vão estudar que é uma coisa boa é ter seu estudo [...]”</p>
Artesã 12	<p>Pesquisador: o que acha do estudo?</p> <p>“É importante. Pra quem entende, é importante. Olhe! Devido a estar na escola, já tem o bolsa escola, já é uma ajuda dentro de casa, se eles não fossem pra escola nada disso tinha. É pouquinho, mas pouco com Deus é muito[...]”</p> <p>“Um emprego bom; quero que eles estudem; e que todos os meses eles tivessem o dinheiro deles para ajudar”.</p>
Artesã 14	<p>“Porque pra eu estudar era difícil. Meu pai não tinha dinheiro para comprar caderno, naquele tempo era muita dificuldade. Não terminei nem o 2º ano direito”.</p>
Artesã 16	<p>Pesq.: Tem filho na escola? Já terminaram?</p> <p>Artesã - Terminaram nenhum. Estudaram, mas nenhum terminou, não. Um ficou na 8ª outro ficou no 1º, por aí se casaram e desistiram.</p> <p>Pesq.: Você acha importante eles terem terminado? Por quê?</p> <p>Artesã– Por que ora? Porque sem estudo[...] A pessoa não tem seu estudo, não tem nada! Não arruma um trabalho, não faz nada. Vai pra onde? Só vai mesmo limpar. Se tivesse estudado[...].</p> <p>Pesq.: E seus filhos quando chegavam em casa o que faziam? Estudavam?</p> <p>Artesã – Tinha uma que era só estudando direto, interesseira que só, aí endoidou pra casar, aí casou. Agora os outros dão muito trabalho.</p> <p>Artesã – Pra mim? Vai melhorar muita coisa, se eu tivesse meu estudo, só Deus sabe onde estava a essas alturas.</p> <p>[Risos do grupo]</p> <p>Artesã – Eu tava trabalhando por aí, procurando trabalho[...]. Ou aqui mesmo nesse colégio, aí. Eu trabalhei ali 4 anos, na prefeitura, não tinha estudo, não pude continuar. Tem o posto de saúde, tudo vai precisar[...].</p>

Artesã 17	<p>Pesq.: E a senhora teve vontade de estudar?</p> <p>A6 – Eu achava bom. Mas danei pra casar. Fugi, casei também da noite pro dia, aí pronto, mas ainda hoje tenho vontade. Mas não tem jeito, tôvelha.</p> <p>E eu ia lá mais estudar, homi[...] quando fui estudar, papai não queria botar não. Não queria saber de nada, saber de leitura, de escola. Eu fui avançada, eu mesmo fui pra escola, mas não continuei. Papai não tinha condição de comprar os livros. [condição feminina]</p>
Artesã 18	<p>Pesq.: E a senhora queria que ele estudasse, por quê?</p> <p>Artesã – Porque daqui uns dias arrumava um serviço pra trabalhar, uma firma, um negócio. Não sabendo nada, vai fazer o quê? Cortar lenha no machado.</p>

Fonte: O autor (2010).

ETAPAS DO EXTRATIVISMO

(fonte: <http://publimarkes.blogspot.com> em 2 de fevereiro de 2011)



Para que sejam transformadas em produtos artesanais as folhas da carnaúba passam pelo seguinte processo: retirada “palhas brabas” e do “olho” da palmeira pelo Vareiro que utiliza vara de bambu com uma foice na extremidade.



Em seguida entra em cena o desenganchador que retira as folhas que ficaram presas à vegetação e as coloca ao chão.



Outro trabalhador junta os molhos de folhas para o transporte.



Na sequência, o carregador coloca as folhas no lombo do jumento.



Os trabalhadores com a função de estendedor espalham as folhas no chão separando-as em palhas brabas, medianas e olhos, estas secarão ao sol.



Mais uma sequência de palhas de olho da carnaúba após 01 semana de exposição ao sol, num entardecer na área do Assentamento Palheiros III.



Acima, após a secagem são amontoadas mais uma vez e a parte nobre que é o olho seguirá para armazenamento em local protegido da chuva e sol.



As palhas brabas serão trituradas



O resíduo chamado de pó preto é armazenado em sacos e vendido para a indústria.



A palha triturada chama-se bagana e é usada como adubo para plantações em geral.



As palhas chamadas de olho são separadas e passarão por processo de retirada de pó branco das folhas.



A retirada do pó é realizada pelo processo de “riscagem” pelo qual as palhas do olho são separadas em unidades e as costas são riscadas por faca pontiaguda para facilitar a retirada do pó branco. Após essa fase, os olhos são separados em conjunto de 100 unidades cada e vendidos como matéria-prima para a confecção de diversos tipos de artesanato.